

INFORMAÇÃO DE CONSULTA

Este é um capítulo da obra

2001, **Teixeira, José A** **VERBALIZAÇÃO DO ESPAÇO: Modelos mentais de *frente/trás***, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Colecção Poliedro), Braga, (ISBN 972-98621-4-1).

Na sua totalidade, a referida obra é constituída, aqui, pelas seguintes partes:

- A Verbalização do Espaço -Cap. I: Para uma fundamentação da Semântica Cognitiva
- A Verbalização do Espaço -Cap. II: O homem e o(s) seu(s) espaço(s)
- A Verbalização do Espaço -Cap. III: Localização e orientação intrínseca
- A Verbalização do Espaço -Cap. IV: Modelos mentais dos marcadores *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. V: *Frente/trás* e outros marcadores
- A Verbalização do Espaço -Cap. VI: Organização morfo-semântica de *frente/trás*
- A Verbalização do Espaço -Cap. VII: O espaço do Tempo: *frente/trás* e a temporalidade
- A Verbalização do Espaço -Cap. VIII: Conclusões e Bibliografia

ÍNDICE

- 7. **O ESPAÇO DO TEMPO: *FRENTE/TRÁS* E A TEMPORALIDADE**
- 7.1. A tradicional ideia da metaforização do tempo pelo espaço
- 7.2. *Frente/trás* e anterioridade/posterioridade: as equivalências dicionarizadas
- 7.3. A intuição associativa dos falantes
- 7.4. Sinonímia, implicação e convertibilidade intermodelar
- 7.5. *À frente/atrás* e *antes/depois*
- 7.5.1. Diferenças de aceitabilidade
- 7.5.2. *Antes/depois* e ponto inicial do movimento
- 7.5.3. *Antes/depois* e a secundarização da configuração espacial
- 7.5.3.1. A noção de "encontro potencial"
- 7.5.3.2. O experienciador da configuração
- 7.5.3.3. As implicações espaciais do valor temporal de *antes/depois*
- 7.5.3.4. Proposta de definição dos marcadores *antes/depois*
- 7.5.4. *Atrás/à frente* e *antes/depois*: traduzibilidade entre modelos espaciais e temporais

7.

O ESPAÇO DO TEMPO: *FRENTE/TRÁS* É A TEMPORALIDADE

7.1. A tradicional ideia da metaforização do tempo pelo espaço

É tido como ponto assente que o modelo temporal é construído sobre o espacial através da metaforização. Sem deixarmos de aceitar este princípio genérico (e para além do que já dissemos em 5.3.3.3.), pensamos ser útil analisar de que forma e com que meios se processa a referida metaforização.

Fala-se de metaforização e dá-se o caso por encerrado, como se denominar um processo fosse a mesma coisa que explicá-lo. Tendo de se considerar a abrangência daquilo que se abarca com as palavras "metáfora" e "metaforização", caberá perguntar de que modo é que os modelos mentais do tempo metaforizam os do espaço.

Em primeiro lugar, é preciso questionar até que ponto se pode defender que na e para a língua, o tempo é **metaforizado** no espaço. É que o processo metafórico possui prototipicamente características que não se coadunam ou põe sérios problemas à representação da temporalidade pelos elementos ligados à espacialidade. Vejamos alguns desses problemas.

Uma metáfora é tida como um processo original, não obrigatório, de representar algo metaforizado por um elemento metaforizante. Ora não é isso que se passa na relação espaço/tempo: o primeiro representa universalmente o segundo, para cada falante, para a totalidade da sua língua e (presumivelmente) para todas as línguas do mundo. Linguística e cognitivamente, parece não ser possível representar o tempo fora das estruturas linguísticas e cognitivas que modelizam o espaço. O falante e as línguas não parecem ter liberdade para separarem um do outro⁽¹⁾.

Entre a metáfora e o metaforizado há dualidade de modelos mentais, sendo o processo metafórico a construção de um terceiro modelo-síntese que liga (facultativamente, como se disse) os dois primitivos: *azeitona* é traduzida mentalmente por um modelo cognitivo que abarca determinado fruto, a sua comestibilidade e uso, o seu sabor, a sua forma, cor, relações de coexistência ambiental, etc.; *olhos* acciona um modelo mental diferente, implicativo de facetas como [pertença a ser animal],

⁽¹⁾ E isto, sem termos em consideração aspectos exteriores à Linguística, como seja o facto de a Física tender a considerar cada vez mais como facetas da mesma realidade o espaço e o tempo.

respectiva funcionalidade, cor, forma, etc. O processo de metaforização identifica os dois modelos que, sendo existencialmente incompatíveis, obrigam os nossos mecanismos cognitivos e perceptivos a construir um modelo-síntese, que não é a mera soma nem sequer o subconjunto de traços comuns.

Diferentemente, na relação espaço/tempo não há anulação e posterior síntese entre modelos mentais, mas sim a correspondência implicativa, universalmente obrigatória, entre uma vertente primeira, visual (o espaço) e outra (o tempo) que embora adquirida por cognição posterior é construída em cima da primeira. Isto significa que a construção dos modelos mentais espaciais pelo ser humano não se verifica de uma só vez, sendo antes aqueles progressivamente re-arranjados, entrando a vertente temporal pouco a pouco nesses mesmos modelos, complementando-os com as equivalências que a cognição e a língua estabelecem.

Esta modelização é verificável ontogeneticamente no processo que pouco a pouco leva a criança a adequar a vertente temporal à espacial e filogeneticamente na medida em que, embora todos os animais possuam cognição espacial, apenas alguns das ordens superiores possuem (e nem todos da mesma forma) cognição temporal.

Por outro lado, o processo de referencialização da metáfora é **assistemático** e **plurivalencial**: não refere nem retrata todos os aspectos do metaforizado, e os que retrata podem ser diferentemente valorizados pelo descodificador. A tradição da análise literária vai neste sentido: não há **uma** interpretação da metáfora, que é vista como dotada de potencialidades significativas *a priori* indefinidas. Ao inverso, a relação linguística espaço/(metaforizador do) tempo é **sistemática** e **univalencial**: é codificada pelo sistema linguístico sendo **sempre a mesma** para todos os falantes (por isso é que é possível analisá-la linguisticamente em relação ao sistema) e possui um **número limitado** de correspondências semânticas, codificado e partilhado pelos falantes da língua.

O que justifica dizer-se que o espaço serve para metaforizar o tempo é o facto de ser sempre através daquele que as línguas **representam** este.

A rapidez e ligeireza da equivalência prejudica, no entanto, a especificidade de cada âmbito. A referencialização (íamos dizer *localização*) temporal não pode ser simplesmente traduzida pela espacial, porque cognitivamente o espaço e o tempo não possuem dimensionalidades idênticas. Este é sempre perspectivado entre um passado e um futuro, relativamente a um ponto de referência. É sempre **univectorial**: representado por **um** vector que vai **do** passado **para** o futuro. O vector pode ser imaginado como infinito, decorrendo da esquerda para a direita (como acontece na nossa cultura, dita ocidental), da direita para a esquerda, de cima para baixo ou de baixo para cima, ou também como tempo de infinitos retornos, para quem o vê como cíclico (certas civilizações orientais). É sempre um vector, uma direcção entre dois pontos/momentos nos quais ele, tempo, se inscreve:



Figura 1

Ou seja: o próprio tempo contém em si o(s) ponto(s) de referência, o passado e o futuro, independentemente da forma como globalmente o mesmo tempo é conceptualizado.

No espaço, diferentemente, a referenciação é **multivectorial** e **multi-referencial**: há vários vectores relativamente aos quais uma Fg pode ser localizada (verticalidade, frontalidade, lateralidade, interioridade) e pontos de referência ilimitados:

- 1) O dicionário está à frente do professor, em cima da secretária, por cima do livro de Física, por baixo do de Matemática, ao lado do candeeiro, dentro da sala de aulas, ...

Ora a ser assim, se a estrutura organizacional do espaço é bastante diferente da do tempo, segue-se necessariamente que **o tempo**, na sua globalidade, não pode ser representado **pela globalidade do espaço**, mas antes **por um vector do espaço**: o vector da frontalidade. E mesmo chegados aqui, não podemos generalizar dizendo que a frontalidade representa o tempo. Este é antes representado por um submodelo da frontalidade, modelo esse em que esta é perspectivada dinamicamente (ver 4.2. sobre os modelos da frontalidade).

Isto explica a razão pela qual não pode haver uma correspondência total entre os valores espaciais de um marcador e os seus valores temporais e também por que é que, por vezes, o mesmo marcador espacial pode corresponder a marcadores temporais opostos (ver, a seguir, 7.2.). E então, porque espaço e tempo, embora relacionados para os nossos mecanismos linguístico-cognitivos, são perspectivados de forma diferente, é que a língua possui marcadores para cada um dos domínios. Embora normalmente ambivalentes para as duas referidas dimensões, há marcadores prioritariamente espaciais e outros prioritariamente temporais. A existência destes últimos e a sua não redução aos espaciais, prova como, linguisticamente, o tempo não é um puro espelhamento do espaço numa dimensionalidade diferente.

No *Caldas Aulete* (Garcia, 1986) é igualmente o primeiro significado apresentado, quer para *atrás*, quer para *atrás de*:

ATRÁS, *adv.* no lugar posterior, detrás; no lugar precedente: *Atrás*, mas longe, uma vistosa quadrilha de monteiros... passou rindo e folgando. (R. da Silva.) [...] || *Atrás de* (loc. prep.), no lugar ou lado posterior de, depois de; após de; em seguimento de: (*atrás de* mim virá quem bom me fará. || *Atrás de* tempo tempo vem. (Provérbios.) || Quando soube que... poucos dias se demorariam *atrás da* família. (R. da Silva.)

Também no dicionário Lello (s/autor, 1996) a posteridade é prioritária para *atrás* e única para *atrás de*:

ATRÁS, *adv.* (lat. *ad trans*). Detrás, após: *Vá na frente, eu irei atrás*. || [...] — **Atrás de**, *loc. prep.* No lugar posterior, detrás de: *Escondeu-se atrás da multidão*.

E no Dicionário Aurélio (Ferreira, 2ª ed.) para o significado de *atrás*, aparece a *posteridade* em primeiro lugar. *Depois* e *após* só aparecem no segundo grupo e no final, no terceiro grupo, a *anterioridade*. E em *atrás de* a posteridade é a única vertente presente nas três acepções apresentadas:

atrás. [Das prep. *a + trás*.] *Adv.* **1.** Na parte posterior; na retaguarda, detrás: *A mulher vinha na frente e ele atrás*. **2.** Depois, após: *Chegaram todos, porém ele deixou para vir atrás*. **3.** Antes, anteriormente, em expressões relativas a tempo anterior, ou época passada (dia, semana, mês, ano, etc.): *Estive com ele dias atrás; Meses atrás, disse-me que pretendia escrever um livro*. → **Atrás de**. **1.** Do lado ou lugar posterior a: *A fazenda fica atrás da montanha*. **2.** Em seguimento a; depois de (no espaço): *Caminhou todo o tempo atrás de mim*. **3.** Imediatamente depois de; em seguida a (no tempo): "fumando cigarro atrás de cigarro" (Fernanda Botelho, *Lourenço É Nome de Jogral*, p. 12).

No *Dicionário do Português Básico* (Vilela 1991), embora não sendo uma acepção prioritária, também tem um papel reforçado:

atrás [ɑtrás] *adv.*, *prep.*

[...]

II. [*prep.*]: —(1) *Fui atrás dele durante meia hora*. • (2) — *A Joana estava sentada na fila atrás de ti*. • (3) *O miúdo comeu bolos uns atrás dos outros*. • (4) — *O teu clube ficou atrás do meu no campeonato*.

[...]

S. 2. No sentido II, *atrás de* (frase 1) quer dizer DEPOIS DE (no espaço), NO ENCALÇO DE (ling. cuidada). *Atrás de* (frase 2) indica o LUGAR A SEGUIR, NA RETAGUARDA, DETRÁS. Na frase 3, significa IMEDIATAMENTE, DEPOIS DE.

No dicionário de Frei Domingos Vieira (1871), anterioridade e posterioridade aparecem misturadas:

ATRAZ, *adv.* No logar precedente, rétro, posteriormente, antecedentemente; passado; apoz, em seguimento.

No dicionário da Academia (vol.1, 1976) esta acepção aparece somente em 5º lugar em *atrás* e em segundo e terceiro em *atrás de*:

atrás I. *Adv.*—[...] 5. Após, a seguir (falando de pessoas ou coisas que se deslocam): «Ao redor, *atrás* e adiante iam numerosas turbas» (M. BERNARDES, *Floresta*, I, p. 133), «a 'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Cariça' *atrás*» (AQUILINO, *Via Sinuosa*, p. 88), «O corredor que ia *atrás* já alcançou os da frente».

II. **Atrás de** (*loc. prep.*)—2. A seguir; no encalço de: «Voo, qual dardo, *atrás* da ninfa bela e esquiva» (E. DE CASTRO, *Obras*, IV, p. 25); *metaf.*: «arrastando-se de joelhos *atrás* da realeza» (L. COELHO, *República*, p. 218). *Fig.* **Ficar atrás de** [alguém]: ser suplantado, ultrapassado por [alguém]. *Fig.* **Andar atrás de** [alguém]: perseguir, importunar [alguém] com pedidos, etc.—3. Depois de, a seguir a (no tempo): «*Atrás de* mim virá quem bom me fará.»

Em José Pedro Machado (1981), aparece também, embora sendo quase a última acepção e encaixada entre acepções ligadas à anterioridade:

Atrás, *adv* (de *trás*). Do lado oposto ao da frente. || Antecedentemente. || À retaguarda || Em plano inferior, aquém, menor. || Em esquecimento, sem referência ou celebração. || No passado. || Após, em seguimento. || A lugar ou a tempo anterior.

No clássico Morais (1949-59, 10ª ed., 12 vols.), a entrada *trás*, abundantemente exemplificada e com as preposições *de*, *por* e *para*, é totalmente preenchida pela acepção de posterioridade:

Trás¹, *prep.* e *adv.* Após; depois de; em seguida; atrás de: «...fazendo esgares, correndo pelo terreiro, saltando um *trás* outro», Duarte Barbosa, *O Livro*, I55, ed. de 1946; «... foi (Salomão) por luxúria e amores de gentias *trás* os deuses dos Sidónios...», Samuel Usque, *Tribulações*, I, 27; «...Trás os cristãos se lança furiosa | Que já perto da boca vão da cava», Francisco de Andrade, *Primeiro Cerco de Dio*, XVII, 77. || Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para* forma locuções adverbiais, significando também

tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: «O seu cabelo *por trás*, repuxado para o alto da cabeça ...» Eça de Queirós, *Os Maias*, II, cap. I, 14; «*Para trás, para trás*, sempre *para trás*, ia a turba reatransversando os pátios, tropeçando nos servos que matara...», Id., *Últimas Páginas*, 173; «O Sol espreitava *por trás* da cumieira das serras ...», José Augusto Vieira, *Fototipias do Minho*, 57; «A igreja, um largozinho e, logo *por trás* do povoado, o monte severo...», Raul Brandão, *Ilhas Desconhecidas*, 36; «Mas o hortaliçeiro dá *para trás* um salto estrondoso nos seus volumosos tamancos caiados de branco», Ramalho Ortigão, *A Holanda*, cap. 2, 47; «... e a primeira praça de Portugal perdida, voltaram *para trás* à pressa», Rebelo da Silva, *História de Portugal*, II, cap. 5, 390; «... o ichacovos espantou os olhos, deu dois passos *para trás*, persignou-se atrapalhadamente e caiu por fim de joelhos», Arnaldo Gama, *Última Dona de S. Nicolau*, cap. 19, 381; «... com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas *para trás* ... », Aloísio de Azevedo, *O Mulato*, cap. 3, 52; «...quando os dias com o sol *por trás* da bambinela da bruma, leve e vaporosa cassa», Aquilino Ribeiro, *Por Obra e Graça*, 34; «...surgem *por trás* dos planos, as agulhas, os topos, as montanhas», Augusto Casimiro, *Portugal Crioulo*, 69.

Em *atrás*, a acepção de posteridade também aparece, mas mais diluída: encontra-se apenas em lugar médio, imediatamente antes da acepção de anterioridade:

Atrás, adv. (de *a* + *trás*). [...] || Após, em seguimento: «na procissão, o andor de Cristo rompia à frente e o de sua Mãe vinha logo *atrás*». || A lugar ou a tempo anterior: «voltemos agora *atrás* e retomemos o fio».

Desta consulta feita a vários dicionários, pode, resumidamente, por conseguinte, constatar-se duas coisas que, à primeira vista, causam estranheza:

- 1) Para a entrada *trás/atrás*, a acepção de posteridade ou é prioritária ou aparece destacada;
- 2) Aparece igualmente para a mesma entrada, como sinónima, a acepção oposta à anterior, a de anterioridade.

7.3. A intuição associativa dos falantes

A nossa estranheza tornou-se angustiante quando, para o espanhol, vimos que Cifuentes Honrubia defende a equivalência "después□detrás":

«Después» puede tener un funcionamiento espacial al conceptualizarse, metonímicamente, como «detrás» debido a la contigüidad entre espacio y tiempo.

«Después», como locativo espacial, tendría una descripción estructural similar a la de «detrás», diferenciándose por la aplicabilidad. (Honrubia 1996:142)

Para verificarmos se a "estranheza" era apenas nossa, distribuiu-se um pequeno inquérito aos alunos de duas turmas de Sintaxe e Semântica (Curso de formação de professores). O inquérito foi o que se segue:

Como no exemplo, complete com X na respectiva quadrícula as equivalências de sinónimos:

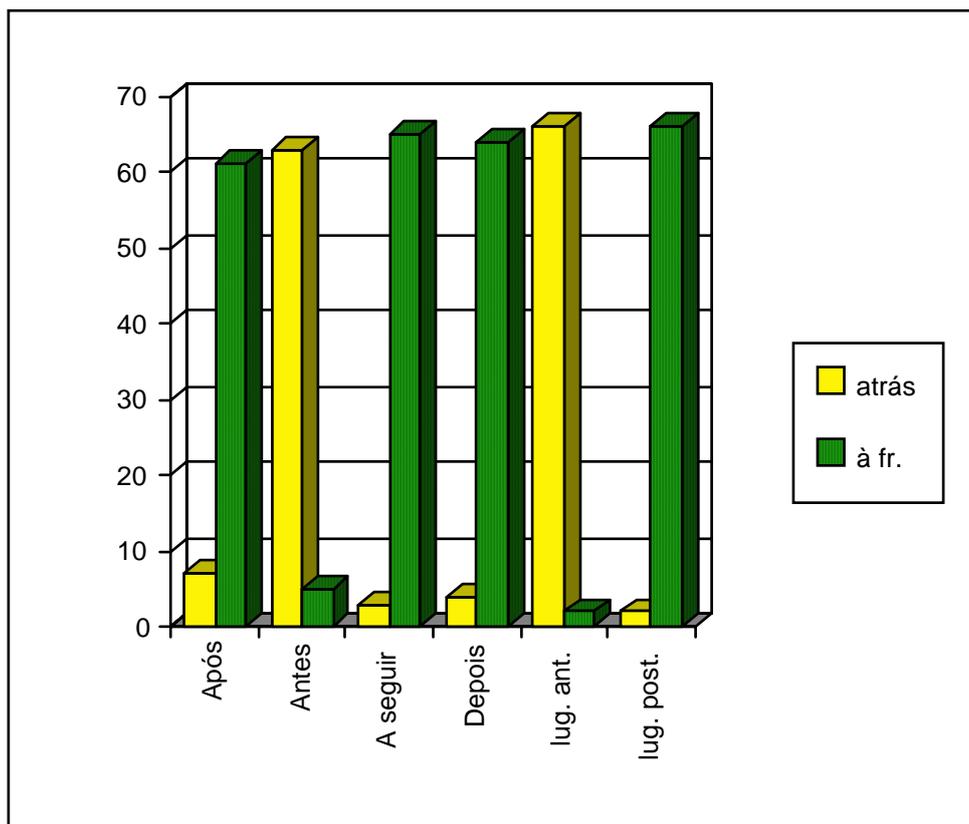
	"atrás"	"à frente"
EXEMPLO: "Nas costas" é sinónimo de	X	
"Após" é sinónimo de-----		
"Antes" é sinónimo de-----		
"A seguir" é sinónimo de-----		
"Depois" é sinónimo de-----		
"No lugar anterior" é sinónimo de----		
"No lugar posterior" é sinónimo de---		

A intenção era, obviamente, tentar verificar qual a associação prioritária que cognitivamente se faz com cada um dos termos do par *atrás/ à frente*: se a anterioridade (*antes, no lugar anterior*) ou a posterioridade (*após, a seguir, depois, no lugar posterior*).

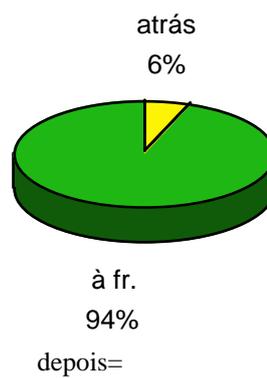
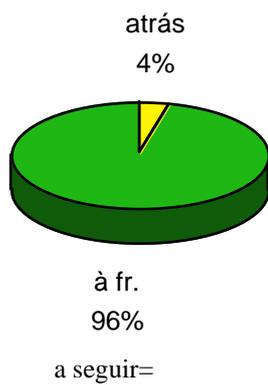
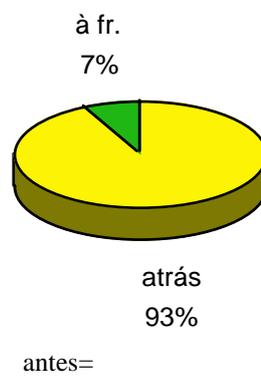
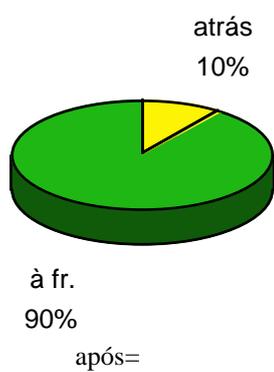
Os resultados confirmaram a intuição que tínhamos:

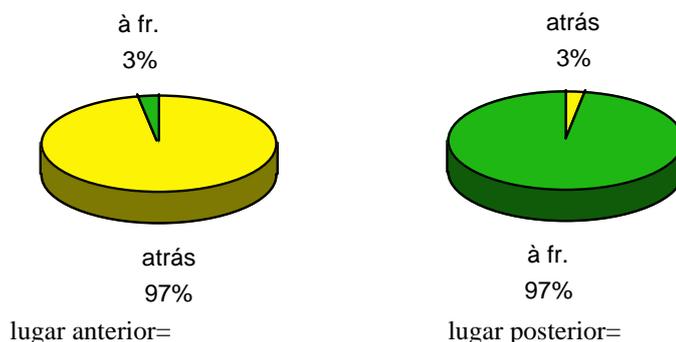
	"atrás"	"à frente"
1- "Após" é sinónimo de	7	61
2- "Antes" é sinónimo de	63	5
3- "A seguir" é sinónimo de	3	65
4- "Depois" é sinónimo de	4	64
5- "No lugar anterior" é sinónimo de	66	2
6- "No lugar posterior" é sinónimo de	2	66

Comparativamente:



Em percentagens relativas:





Como se vê, não há margem para dúvidas: para os falantes, as equivalências julgadas adequadas são exactamente as opostas às que os dicionários prioritariamente apresentam.

Por outro lado, considerando que *atrás* tanto pode equivaler a anterioridade como a posteridade, pode perguntar-se: como é possível que o significado de (*a*)*trás* assente (se é que assenta!) em duas acepções perfeitamente antónimas?

7.4. Sinonímia, implicação e convertibilidade intermodelar

Uma primeira tentativa de resposta, dá-a o *Diccionario dos Synonymos Poetico e de Epithetos da Lingua Portugueza* (ROQUETTE, J. e FONSECA, J., 1863). Fazendo de *após* e *depois* sinónimos de *atrás*, esclarece:

Atráz, após, depois.

Atráz indica a posteridade de lugar d'uma pessoa ou cousa respectivamente a outra, tanto no estado de quietação como no de movimento.— *Após* tem o mesmo valor mas só no estado de movimento.— *Depois* exprime a posteridade de tempo. Mas como entre as idéas de tempo e de lugar ha alguns pontos de contacto, toma-se o termo *depois* em alguns casos com a significação de *após* ou *atráz*.

É evidente que são os "pontos de contacto" que *atrás* mantém com o espaço e o tempo que levam a que este marcador espacial possa adquirir cambiantes que, se confundidas, se podem apresentar como contraditórias. Mas não é apenas isso.

Como já se explanou, defendemos que a noção (espacial) de *frente/trás* não é unimodelar, mas assenta basicamente em cinco modelos diversos, embora ligados ao modelo original prototípico. Ora, juntamente com a sua faceta temporal, são também as perspectivas diferentes que se podem utilizar para configurar a noção espacial de *trás* que possibilitam modelos de referência contraditórios, permitindo, nomeadamente, quer a *anterioridade* de lugar/tempo, quer a inversa *posteridade*.

Vamos examinar alguns exemplos apresentados pelos dicionários.

No Dicionário Aurélio, como já vimos, a primeira acepção de *atrás* é "na parte posterior". O exemplo:

A mulher vinha na frente e ele atrás.

A figura a seguir retrata a situação na dimensionalidade estritamente espacial:

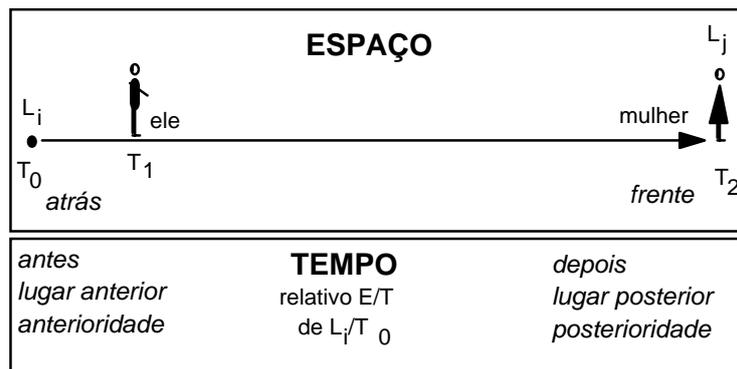


Figura 3

Nesta perspectiva, cada ponto mais próximo de L_i (Local inicial do movimento) é sempre *atrás*, *antes* e um *lugar anterior* relativamente ao ponto seguinte. Nesta perspectiva, portanto, *atrás* é sempre sinónimo de *antes*, *anterioridade*, *lugar anterior*.

Só que numa situação que implique movimento, como a analisada, o modelo mental que o falante constrói, para a referir, utiliza coordenadas espaço-temporais não apenas relativas ao início do movimento (L_i/T_0) mas também ao ponto terminal desse movimento (L_j/T_n). E para estas, **lugar atrás** implica **tempo depois**. Quem está, no espaço, **atrás** do L (ocal) j , só o atingirá, no tempo, **depois**, posteriormente:

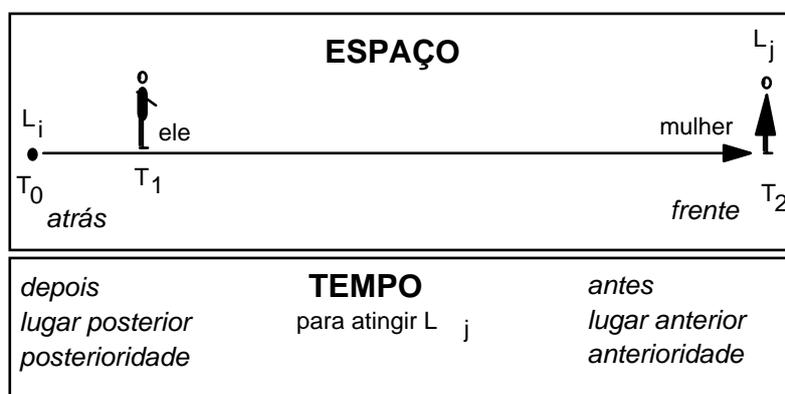


Figura 4

Ou seja: quando ele atinge qualquer ponto do espaço do movimento, continua (nesse espaço) **atrás** da mulher; mas ao atingir esse mesmo ponto já atingido pela mulher, está **à frente** no tempo relativamente ao qual esse ponto tinha sido alcançado pela mesma mulher, já que ele chega sempre num tempo **posterior**. Isto quer dizer que desde que haja movimento, estar **atrás** no espaço implica chegar **depois**, **à frente**, no tempo.

Pode-se, assim, equacionar esta relação do seguinte modo:

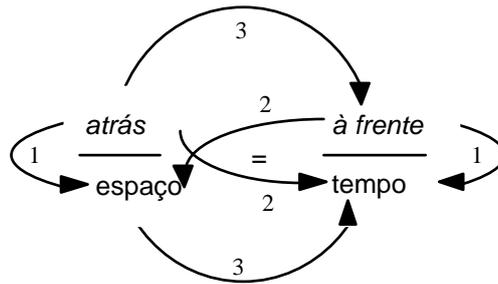


Figura 5

Na verdade,

1-*atrás*, no espaço, corresponde a *à frente* no tempo; (se ele está *atrás* —no espaço— relativamente a L_j , quando chegar a L_j o tempo será posterior, o relógio terá andado *para a frente*.)

2-*atrás*, no tempo, corresponde a *à frente* no espaço; (Se ela chegar a L_j *atrás* no tempo — 9.00 horas é *atrás* das 9.10 horas— implica que esteja *à frente* no espaço.

3-*atrás* identifica-se com *à frente* quando se identifica espaço com o tempo.

É portanto uma equação perfeita de correspondência entre todos os termos. E é ela que explica a razão pela qual os dicionários atribuem tão prioritariamente a *atrás* a *posteridade* e o *depois*. Só que se mistura tempo e espaço. Por isso, identificam *atrás* com *lugar posterior*, o que na nossa opinião é incorrecto. Para um mesmo elemento numa mesma situação, *atrás* é sempre *lugar anterior*, *antes*, desde que não se saia de um único modelo espacial. O *estar atrás* acarreta necessariamente uma chegada posterior no **tempo**, mas já num outro modelo E/T. Ora isto, pensamos, não é igual a dizer que *atrás* é a mesma coisa que **lugar** posterior.

Mas o que é um facto é que tal identificação é feita pelos dicionários. Mas será que o falante confunde também as relações espaço-tempo ao utilizar as equivalências que a equação do movimento representa?

À primeira vista parece que sim. O exemplo de há pouco

2) A mulher vinha na frente e ele **atrás**.

seria perfeitamente aceite como equivalente a

- 3) A mulher vinha na frente e ele **depois/posteriormente/em lugar posterior**.

Outros exemplos como

- 4) Eu cheguei às 10 horas, e o Pedro chegou logo atrás.

parecem confirmar isso mesmo. Na realidade esta última frase é interpretada como "o Pedro chegou pouco **depois** das 10 horas"; parece, portanto, que *atrás* significa *depois*.

Como é evidente, cruzam-se aqui as dimensionalidades temporais e espaciais. De outra forma não se compreendia que "depois das 10 horas" fosse um tempo "atrás" relativamente às 10 horas: "depois das 10 horas" é um tempo concebido sempre como "depois, à frente das 10 horas" e nunca *atrás*. O que a frase x) representa é "o Pedro **vinha atrás** de mim (no espaço) e por isso **chegou depois** (no tempo)". É a "mistura" das duas dimensionalidades que possibilita que se diga "chegou atrás" em vez de "vinha atrás e chegou depois, à frente no tempo". Aliás, por isso mesmo é que a mesma frase pode até ser interpretada da mesma forma substituindo *atrás* por *à frente* e reforçando os elementos que levam a interpretar *à frente* como marcador temporal ("eu cheguei primeiro; o Pedro chegou depois"):

- 4) Eu cheguei às 10 horas, e o Pedro chegou logo atrás.
5) Eu cheguei primeiro, às 10 horas, e o Pedro chegou logo à frente.

Se isto não permite dizer que *atrás* e *à frente* são sinónimos, também não permite concluir que o falante os confunde ou que confunde a dimensionalidade temporal e espacial. Em vez de "confusão" pensamos que será mais adequado falar de "conversão": quando se trata de movimento, o falante converte automaticamente a dimensionalidade espacial em temporal e vice-versa. Pode utilizar uma ou outra sem ter a preocupação de dizer a que dimensionalidade se está a referir, já que sabe que o ALOC partilha dos seus mecanismos linguístico-cognitivos e é capaz de descodificar o que ele, LOC, pretende. Daí que, na mesma frase, possa utilizar um configurador espacial e um temporal. Quando o mesmo localizador pode ter as duas vertentes —o que acontece quase sempre— se houvesse a possibilidade de o utilizar uma vez como configurador espacial e outra vez como temporal, isso causaria, certamente, confusão. Assim, embora muitos marcadores espaciais também sejam temporais (e vice-versa), há uns que são prioritariamente (prototipicamente) espaciais e outros temporais, de tal modo que quer o LOC quer o ALOC sabem que, na ausência de indicação contrária, é assim que eles devem ser descodificados.

Para a situação representada a seguir, podem-se utilizar marcadores espaciais, temporais ou até misturá-los:

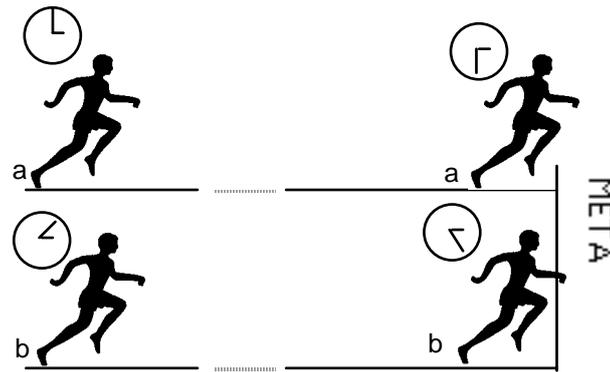


Figura 6

- 6) O atleta {a} partiu à frente, mas chegou atrás de {b}.
- 7) O atleta {a} partiu à frente, mas chegou depois de {b}.
- 8) O atleta {a} partiu antes, mas chegou atrás de {b}.
- 9) O atleta {a} partiu antes, mas chegou depois de {b}.
- 10) *O atleta {a} partiu atrás, mas chegou à frente de {b}.

Assim, na frase 6) os dois marcadores são espaciais; em 7) o primeiro é espacial e o segundo temporal; em 8) o primeiro é temporal e o segundo espacial e em 9) os dois são temporais. E 10)? Por que não é aceitável (para esta situação)? Porque utiliza marcadores que são prototipicamente espaciais. Para serem interpretados temporalmente, o que constitui uma situação inusual, terão que ser inseridos com outros vocábulos que obriguem a essa interpretação, como, por exemplo

- 10') O atleta {a} partiu temporalmente atrás, mas chegou à frente, também no tempo.

Desde já, por conseguinte, algumas conclusões:

- Há marcadores prioritária e prototipicamente espaciais e marcadores prioritária e prototipicamente temporais;
- Cada marcador é interpretado, salvo indícios em contrário, na sua vertente prototípica (espacial ou temporal);
- Cada frase (modelo mental) pode incluir marcadores dos dois géneros;
- É a convertibilidade automática das relações espaço-tempo, no movimento, que possibilita a presença simultânea de marcadores dos dois géneros.

Começa a compreender-se, assim, o porquê de os dicionários identificarem prioritariamente *atrás* com *posteridade*, *depois*, *em seguida*, *após*: estão a identificar um marcador espacial com marcadores temporais. Em rigor, nem esta identificação é correcta, já que não se deve dizer que *atrás* **significa** ou equivale a *depois*, mas que um *atrás* no espaço **implica** um *depois* no tempo. Entre estes dois grupos de palavras (marcadores espaciais da frontalidade *atrás/frente*, por um lado, e marcadores

temporais de anterioridade/posterioridade) não existe **sinonímia**, mas **implicação**. A não ser que se tome a implicação como equivalência e se faça destes dois grupos sinónimos.

Compreende-se, do que foi dito, que se se pode fazer equivaler a anterioridade de espaço (*atrás, lugar anterior*) com a posterioridade de tempo (*depois, tempo posterior, após*) não é lícito, por confusão dos dois planos, fazer equivaler a mesma anterioridade de espaço (*atrás, lugar anterior*) com a posterioridade de espaço (*frente, lugar posterior*). Seria um absurdo. Mas é o que, como vimos, aparece dicionarizado, correspondendo a um triplo erro. Primeiro, dando, como sinónimos prioritários do principal **marcador espacial** de um eixo da frontalidade marcadores temporais. Depois, não distinguindo quando esses marcadores temporais dados funcionam como marcadores espaciais equivalentes a *atrás* ou como marcadores temporais opostos.



Figura 7

Assim, focando o espaço/tempo do percurso num determinado momento, {a} situa-se **antes** de {b} = **atrás** de {b}; mas no tempo (de chegada), {a} situa-se virtual e projectivamente **depois** de {b} = **atrás** de {b} (chega ao fim *depois* de {b} ou *atrás* de {b}). Ou seja: *atrás* pode ter como equivalentes *antes* ou *depois*, conforme eu me situo numa configuração focalmente espacial ou temporal.

Por último lugar, o maior erro consiste em não apenas não distinguir a temporalidade da espacialidade dos marcadores, mas em tomar equivalências temporais como equivalências espaciais, o que leva a propor que *anterioridade* de lugar é sinónimo de *posterioridade* de lugar ou a colocar lado a lado estas duas vertentes tomadas ambas na sua dimensionalidade espacial, ignorando, portanto, que *anterioridade* só equivale a *posterioridade* quando se identifica o tempo/espácio de um momento do movimento e o tempo global, final, desse movimento.

E quando, explicitamente, a posterioridade **de lugar** é apresentada como sinónimo de *atrás*? Veja-se no dicionário Aurélio:

Atrás de. 1. Do lado ou lugar posterior a: *A fazenda fica atrás da montanha.*

A primeira surpresa é logo o facto de a *atrás de* não ser atribuído prioritariamente o significado de "lugar anterior", como em

11) O avião passou e **atrás dele** ficou um rasto de fumo.

12) Esta viagem é longa! Já deixámos **atrás** (de nós) as cidades de Madrid, Paris e Viena e estamos quase a chegar a Moscovo!

Se tempo e espaço forem do **mesmo** movimento, *atrás* no espaço implica "anterioridade" de lugar e de tempo. É óbvio:

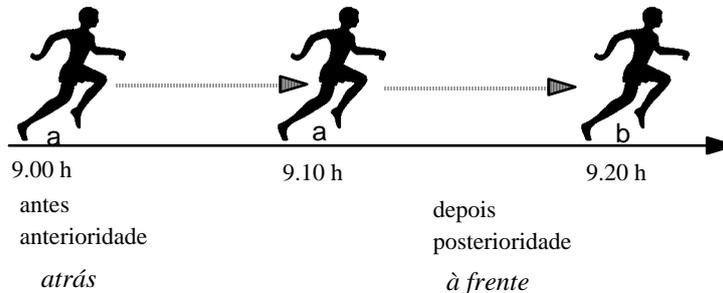


Figura 8

Como se explica, então, que *atrás* possa ser "sinónimo" exactamente do inverso, "posteridade" de lugar?

Propusemos como um dos modelos explicativos da configuração da frontalidade o **Modelo da visibilidade** (4.2.2.3.) É o modelo que opõe *frente/trás* através da presença ou ausência do traço [visibilidade/acessibilidade]. Relembre-se, através do respectivo esquema o referido modelo:



Figura 9

A frase que o dicionário Aurélio cita (*A fazenda fica atrás da montanha*) toma este modelo como configurador de *frente/trás*.

Neste modelo da visibilidade (ou acessibilidade, como vimos quando da respectiva apresentação), quando se utiliza a vertente *trás*, o Configurante fica sempre entre o observador e a Figura:

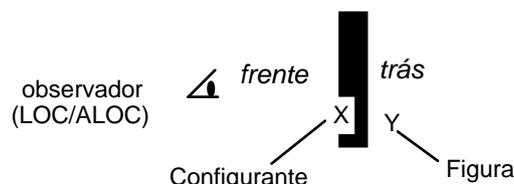


Figura 10

A relação entre os elementos que compõem o modelo é uma relação estática, já que não há a obrigatoriedade de conceber qualquer movimento entre eles (observador/ Figura/Configurante).

No entanto, se depois de se configurar a posição relativa entre os elementos deste modelo se conceptualizar uma relação de movimento entre qualquer desses mesmos elementos (deslocação do observador, da Figura ou do Configurante), é evidente que se vão encontrar equivalências que ultrapassam este mesmo modelo e que, em rigor, não só não lhe pertencem a ele como não pertencem a **qualquer** modelo do vector da frontalidade, sendo antes equivalências entre **dois** modelos deste mesmo vector.

É precisamente o que acontece com a frase citada (*A fazenda fica atrás da montanha*). Ela pode corresponder a (pelo menos) duas conceptualizações possíveis. A primeira pode ser traduzida pelo modelo da visibilidade. Ao dizer-se que *A fazenda fica atrás da montanha*, entende-se que entre um possível observador e a fazenda há a montanha que a "esconde":



Figura 11

O "observador" não precisa de existir fisicamente para esta configuração ser possível. É, no entanto, sempre suposto. Podemos mesmo imaginar alguém dentro da fazenda a situá-la *atrás* da montanha, naturalmente supondo sempre um observador virtual do outro lado. Alguém que, por exemplo, de helicóptero, ande às voltas por cima da montanha, pode tomar também o mesmo ponto de vista (e não o seu), situando-a igualmente *atrás* da montanha.

Como se depreende, neste modelo de configuração os elementos (observador/ fazenda (=Figura)/ montanha (=Configurante) apresentam-se num quadro estativo. No entanto, é possível re-organizar a mesma situação e inseri-la num quadro em que se relacionam os citados elementos através de um movimento virtual do observador até à Figura (fazenda):

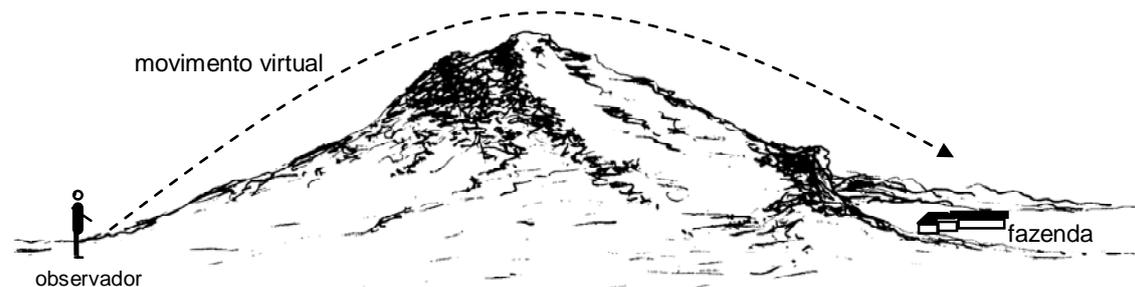


Figura 12

Na verdade, como já dissemos, no modelo acima apresentado a visibilidade equivale à acessibilidade. Ora a acessibilidade é prototipicamente traduzida pela possibilidade de acesso de {a} a {b}, o que equivale a dizer pela necessidade de movimento de {a} para {b}. Tudo isto leva a que, muito facilmente, na configuração do eixo da frontalidade o modelo da visibilidade ou acessibilidade "dispare" o modelo do movimento (correspondendo este à segunda conceptualização espacial possível para a situação) e entre os dois se estabeleça uma relação de equivalência: sendo {ob} o observador, {x} o Configurante e {y} a Figura, se {y} se situa *atrás* de {x}, {x} situa-se entre {ob} e {y}; isto implica que o movimento de {ob} temporalmente atinge primeiro {x} e **depois** {y}. E é a partir desta implicação que no modelo da visibilidade/acessibilidade se estabelece a equação *atrás* (no espaço) equivale a *depois* (no tempo).

Os fenómenos de implicação e conversão entre modelos são bastante frequentes co-ocorrendo com perspectivas diferentes de leitura de um mesmo modelo. Isto mesmo se verifica numa outra acepção de *atrás de* que o mesmo dicionário Aurélio apresenta pouco depois:

3. Imediatamente depois de; em seguida a (no tempo): "fumando cigarro atrás de cigarro"

(Fernanda Botelho, *Lourenço É Nome de Jogral*, p. 12).

Como se vê, também esta acepção, como quase todas as que apresenta, faz corresponder a *atrás de* a noção de posteridade. Para se ver como este processo de equivalência é possível e as correspondências que implica, analisemos o exemplo que ilustra esta acepção.

Ao dizer-se *fumando cigarro atrás de cigarro* está a dizer-se que fumou um cigarro, depois fumou outro, depois outro e assim sucessivamente, como representa o esquema. Ou seja: o cigarro 1 foi fumado **atrás** ou **antes** do cigarro 2, este **atrás** ou **antes** do cigarro 3 e assim por diante:

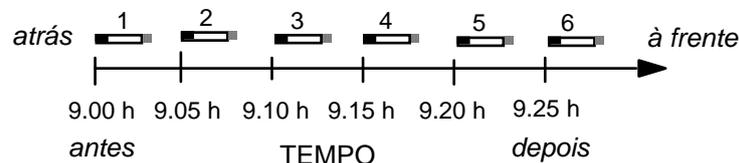


Figura 13

Ora nesta perspectiva, encarando a totalidade do processo desde o início (o primeiro cigarro), como ainda agora se viu, *atrás* equivale a *antes*.

No entanto, para se verificar que podem existir modelos diferentes a configurar a mesma situação, veja-se que

13) fumando cigarro **atrás** de cigarro

pode também ser equivalente a

14) fumando cigarro **depois** de cigarro,

que é equivalente a

15) fumando cigarro **à frente** de cigarro.

Isto quer dizer que a mesma "lógica" que leva a considerar *depois* como sinónimo de *atrás* pode levar também a considerar *depois* como sinónimo de *à frente*. No fim de contas, e pela mesma "lógica", *atrás* também será sinónimo de *à frente*...

O que aqui se passa é que as relações temporais podem ser espacializadas através de modelos diferentes do espaço. E se como vimos, entre dois modelos espaciais o mesmo lugar pode ser *atrás* e *à frente*, quando esses modelos representam o tempo também pode acontecer que o mesmo Espaço/Tempo possa ser visto como *antes* ou como *depois*. Posteriormente, ao explanarmos o modelo temporal estático (7.5.4.) demonstraremos isto mesmo. É este modelo estático do tempo (mais adiante proposto) que suporta frases como

16) Eu fumei um cigarro e a Ana fumou logo atrás de mim.

Aqui, *atrás de* não tem valor espacial: não significa que a Ana se pôs atrás das costas do LOC a fumar, mas que fumou **depois** dele.

O *Dicionário do Português Básico* (Vilela 1991) parece ser o único a ter em atenção, na entrada *atrás*, alguns aspectos destes que acabámos de analisar. O primeiro, é que o equivalente espaço-temporal mais prototípico de *atrás* não é *depois*, mas *antes* (indicado como primeiro significado). O segundo é que quando *atrás* significa *depois* se insere num modelo derivado (e aparece no dicionário como segundo significado). E embora nem todos os exemplos que apresenta pertençam ao mesmo modelo e se encontre a habitual equivalência entre valores espaciais e temporais, indica, no entanto, um que serve para mostrar quando *atrás* tem que ser prioritariamente tido como equivalente a *depois*:

17) A Joana estava sentada na fila atrás de ti.

Este uso do eixo *frente/trás* implica um modelo que, de certa forma, contradiz quer o modelo original, quer o modelo do movimento. Esse modelo "contraditório" é, como já vimos, o modelo do encaramento (ver 4.2.2.4.).

Através da análise deste exemplo, podemos ver duas coisas: primeiro a oposição nítida entre modelos de configuração do eixo da frontalidade; depois, como

numa mesma situação, mas sob modelos diferentes, *atrás* pode ser equivalente a *depois* ou equivalente ao antónimo, *antes*.

Imaginemos a situação esquematizada pela figura 14, que retrata a citada frase:

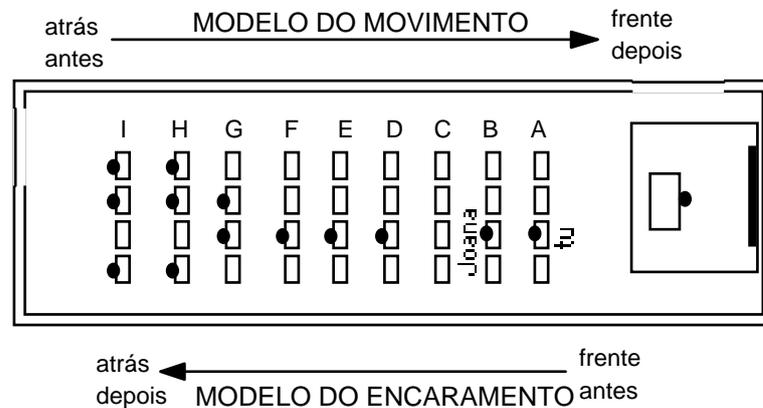


Figura 14

17) A Joana estava sentada na fila atrás de ti.

Aqui *atrás* equivale a *depois* porque o modelo estruturador é o modelo do encaramento em que *frente* é identificada com o ponto inicial, portanto com *antes*. Este modelo pode funcionar em contraponto com o modelo do movimento em que a equivalência é a inversa: o ponto inicial é *atrás* (L_i) e identificado com *antes*; o ponto terminal é à *frente* e identificado com *depois*.

Assim, através do modelo do encaramento, "A Joana está *atrás* de ti", realmente equivale a "*depois* de ti", já que o movimento virtual que este modelo aceita é tido como começando no ponto ou zona original, estruturadora, que é a *frente*. Mas no modelo do movimento (pressupondo-se um movimento que vá do fundo da sala até à frente da mesma), o ponto original estruturador é L_i , local inicial do movimento (portanto equivalente a *antes*) que, ao inverso do modelo anterior, se identifica com *atrás*.

Imaginemos alguém ($\{X\}$) a entrar pela sala, pela porta do fundo, como indica a seta. Se ele se colocasse na fila C e quisesse situar a Joana diria *A Joana está mais à frente*. Esta configuração coincidiria com a do professor. Pareceria, assim, que o modelo seria o mesmo já que a configuração era idêntica.

No entanto, se $\{X\}$ perguntasse, situando-se na fila C: *A Joana está antes ou depois da fila C?* as perspectivas já não coincidiriam. Para o professor, a Joana estava *antes* dessa fila, mas para $\{X\}$, adoptando a sua perspectiva baseada no movimento a partir do fundo da sala, a Joana estava *depois* dessa fila.

O funcionamento da globalidade destes processos que até agora analisámos leva-nos a defender que

1) a posteridade de lugar/tempo (em lexicalizações como *lugar posterior*, *adiante*, *depois*, *em seguida*, *após*) não pode ser considerada a equivalência prioritária, muito menos única, como alguns dicionários fazem, do configurador (*a*)*trás*.

2) as associações cognitivas que prioritariamente os falantes fazem relativamente ao localizador *atrás* são *antes*, *lugar anterior*, *anterioridade*, e não os marcadores de posteridade.

3) tais acepções (quer de anterioridade, quer de posterioridade) só podem ser consideradas sinónimos de *atrás* se se entenderem por **sinónimas** lexicalizações **implicativas** funcionando em âmbitos diferentes embora interligados (como é a realidade espaço-tempo).

7.5. À *frente/atrás* e *antes/depois*

7.5.1. Diferenças de aceitabilidade

O que acabámos de ver mostra-nos que as equivalências entre *antes/depois* e *atrás/à frente* podem ser multimodas e aparecerem mesmo como contraditórias, "ilógicas". Torna-se necessário, portanto, uma análise comparativa entre os referidos marcadores, não apenas para se poderem perceber os mecanismos linguístico-cognitivos que os suportam, mas igualmente para se tentar comprovar o que anteriormente se disse sobre a relação entre o espaço e o tempo (linguísticos, obviamente).

Uma típica localização espacial (no eixo da frontalidade, o único que agora nos interessa) em que o movimento não se intrometa, é configurada espacialmente sem grandes dúvidas ou variações, quer quanto à aceitabilidade, quer quanto à não aceitabilidade:

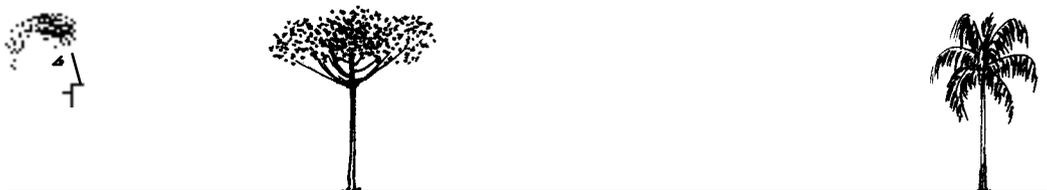


Figura 15

- 18) O pinheiro está à frente da palmeira.
- 19) A palmeira está atrás do pinheiro.
- 20) *O pinheiro está atrás da palmeira.
- 21) *A palmeira está à frente do pinheiro.

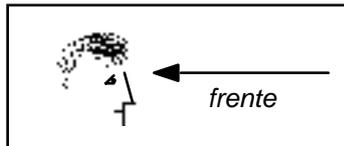
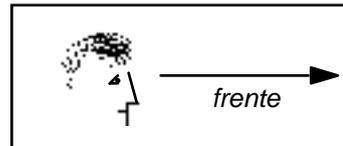
Quando, na mesma situação, o movimento é introduzido, o panorama altera-se radicalmente:



Figura 16

- 22) *O pinheiro está à frente da palmeira.
- 23) *A palmeira está atrás do pinheiro.
- 24) *O pinheiro está atrás da palmeira.
- 25) A palmeira está à frente do pinheiro.

É que com [movimento] (real ou potencial) inverte-se a zona culminativa (ou focal) de *frente*: já não é a que fica o mais próximo possível da cara do observador, mas a que fica mais afastada (em situação prototípica, na direcção do olhar):

Figura 17: *frente*-modelo original ("estático")Figura 18: *frente*-modelo do movimento

No entanto, este novo elemento, o [movimento], nem sempre prevalece sobre as configurações estáticas. Estas podem, em determinadas situações, "resistir" e esquecer o dinamismo que estrutura toda a situacionalidade, o que acarreta, naturalmente, configurações antitéticas para os mesmos elementos, na mesma situação:



Figura 19

- 26) A palmeira está atrás do pinheiro.
- 27) O pinheiro está à frente da palmeira.
- 28) A palmeira está à frente do pinheiro.
- 29) *O pinheiro está à frente da palmeira.
- 30) *O pinheiro está atrás da palmeira.

Há, no entanto, uma forma de localização inequívoca para todas as situações apresentadas:

- 31) O pinheiro está antes da palmeira.
 32) A palmeira está depois do pinheiro.

Por que é que, nestas situações, a localização através de marcadores espaciais é mais confusa e normalmente é preterida em relação à localização feita através dos marcadores temporais? Precisamente porque na espacialidade há mais do que um modelo em confronto, o que torna possível localizar antiteticamente a mesma Fg: a palmeira pode estar *atrás* do pinheiro (modelo estático) ou *à frente* do pinheiro (modelo dinâmico).

Mas há um facto ainda mais estranho. Vimos que numa situação que implicasse [movimento], como a representada na figura 16, não eram aceites estas duas localizações:

- 33) *O pinheiro está à frente da palmeira.
 34) *O pinheiro está atrás da palmeira.

embora, na mesma situação, fosse aceitável

- 35) A palmeira está à frente do pinheiro.

Geometricamente (matematicamente) isto parece um absurdo: se $\{X\}$ está *à frente* de $\{Y\}$, $\{Y\}$ está *atrás de* $\{X\}$. Por que não é aceitável verbalizá-lo?

Noutra parte deste trabalho já demoradamente procurámos demonstrar (ver 5.2.) que (*a*)*atrás* implica [proximidade] e [1 (um) lugar]. Enquanto no vector *frente* a Fg e o Cfg não têm de estar próximos nem no mesmo lugar, em (*a*)*atrás* a Fg está sempre próxima do Cfg: fisicamente ou a ele ligada através de um movimento de aproximação. Esta situação parece confirmar isto mesmo. Considerando o percurso do ciclista, quanto mais longe do pinheiro estiver a palmeira, mais *à frente* dele está; no entanto, não é aceitável dizer que quanto mais longe estiver o pinheiro da palmeira mais *atrás* dela está! Parece, pois, confirmar-se que prototipicamente *atrás* implica [proximidade] e unicidade de lugar. Note-se que na situação "estática", o pinheiro só pode ser configurado relativamente à palmeira (e vice-versa) se os dois forem considerados num mesmo lugar.

Mas talvez não seja este o factor mais impeditivo de configurar, neste modelo dinâmico, o pinheiro *atrás* da palmeira. O facto de a palmeira poder ser facilmente configurada *à frente* do pinheiro deve levar-nos logo a pressupor que o que está em causa também pode ser a não reversibilidade entre Fg e Cfg que por princípio acontece (ver 3.5.). Só que neste caso, não se trata de qualquer característica física (estática ou dinâmica) dos próprios figurantes, já que eles são absolutamente equivalentes (duas árvores do mesmo tamanho, "paradas", naturalmente).

Pensamos ser inquestionável que cognitivamente o Cfg, o elemento tido por ponto de referência, é modelizado como o elemento **a partir do qual** a Fg se situa, ou,

dito de outra forma, é o elemento **origem** da localização da Fg. Ou seja, a localização da Fg é feita **a partir** do Cfg. Por isso, num modelo dinâmico, o elemento que serve de Cfg espacial terá de ser aquele que mais próximo está do ponto inicial do movimento. É mais fácil construir um modelo mental em que o Cfg esteja próximo do ponto inicial e depois configurar as Figuras relativamente a ele (o que exige apenas um sentido direccional), do que o inverso, que pressupõe sentidos direccionais contrários:

Como facilmente se vê pela figura 20 (a seguir), configurar a palmeira a

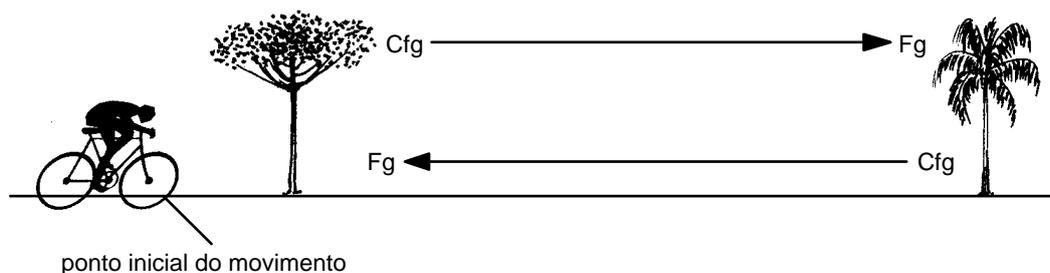


Figura 20

partir do pinheiro (*A palmeira está à frente do pinheiro*) implica um modelo mental em que o sentido direccional da configuração coincide com o sentido direccional do movimento que enforma a própria configuração; configurar o pinheiro a partir da palmeira (**O pinheiro está atrás da palmeira*), implica um modelo mental em que o sentido direccional da configuração contradiz o sentido direccional do movimento da referida configuração. A "estranheza" que sentimos na frase que coloca o pinheiro *atrás* da palmeira resulta, para além dos outros aspectos focados, disto mesmo: um modelo que não consegue compatibilizar o "movimento de configuração" com o movimento referido pelo próprio modelo.

Todavia, como já indicámos, saindo do eixo espacial e inserindo-nos no temporal, qualquer dos elementos pode, igualmente bem, ser quer a Fg, quer o Cfg:

- 36) O pinheiro está antes da palmeira.
- 37) A palmeira está depois do pinheiro.

O que é que há agora de diferente para acontecer que qualquer dos figurantes possa ser escolhido para Cfg? Aparentemente nada mudou: os elementos figurantes continuam a ser os mesmos (pinheiro/palmeira) e o movimento é o mesmo e com o mesmo sentido. Assim, *antes/depois* serão os "sinónimos" de *atrás/à frente*. No entanto, embora os elementos constitutivos da situação não tenham mudado, mudou a forma como a mesma situação passou a ser estruturada. Ou seja, mudou o modelo mental que a traduz através da substituição de uma configuração **espacial** por uma **temporal**. O que acarreta algumas mudanças.

7.5.2. *Antes/depois* e ponto inicial do movimento

Num modelo mental espacial, as posições relativas dos elementos são dadas em função de um, o Cfg, relativamente ao qual os outros são situados nos eixos da frontalidade, verticalidade, lateralidade ou interioridade. Uma configuração espacial prototípica faz-se, assim, entre dois elementos: $Fg \leftrightarrow Cfg$. Os elementos são vistos como autónomos, discretos e não inseridos em qualquer escala gradativa. Num modelo temporal, ao inverso, o elemento estruturador é contínuo e a configuração não se faz relativamente ao Cfg enquanto elemento autónomo, mas em relação ao ponto temporal ocupado pelo mesmo Cfg. Ou seja, enquanto a base em que assenta a configuração espacial se estrutura sobre dois elementos (Fg/Cfg) sendo um configurado em relação ao outro, a configuração temporal inscreve-se numa escala gradativa, contínua, onde cada elemento irá ocupar uma posição, em primeiro lugar relativamente à escala, e por causa disso, em segundo lugar, relativamente aos outros elementos escalados.

O facto de todos os modelos temporais assentarem numa única linha contínua unidireccional (o tempo) torna, em princípio, mais simples e claros os processos de configuração temporal⁽²⁾. Os vectores espaciais podem ser muitos e possuírem vários sentidos: o temporal é só um e de sentido único. Por isso, como vimos, contraposta à dificuldade de configurar espacialmente a anterior situação, a facilidade com que se configura temporalmente: o pinheiro será sempre situado inequivocamente *antes* da palmeira e esta *depois* do pinheiro.

A partir daqui tentemos definir o modelo que traduz *X antes de Y/ Y depois de X* (figura 21):

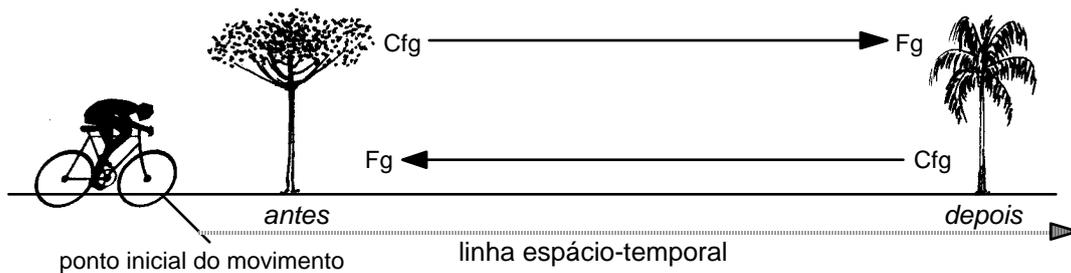


Figura 21

antes/depois-1: *X antes de Y* indica que numa linha espaço-temporal comum a {X} e a {Y}, {X} se situa num ponto mais próximo do início do que {Y}. O inverso para *Y depois de X*: numa linha espaço-temporal comum a {X} e a {Y}, {Y} situa-se num ponto mais afastado do início do que {X}.

A ser assim, *antes/depois* podem realmente ser considerados simultaneamente marcadores temporais e espaciais, já que referenciam pontos espaço-temporais.

⁽²⁾ Ver, a este propósito, o que atrás se disse (7.1.) sobre as relações entre o tempo e o espaço e respectivas configurações.

No entanto, a modelização traduzida por *antes/depois* parece contradizer-se quando se aplica aos próprios elementos em movimento:

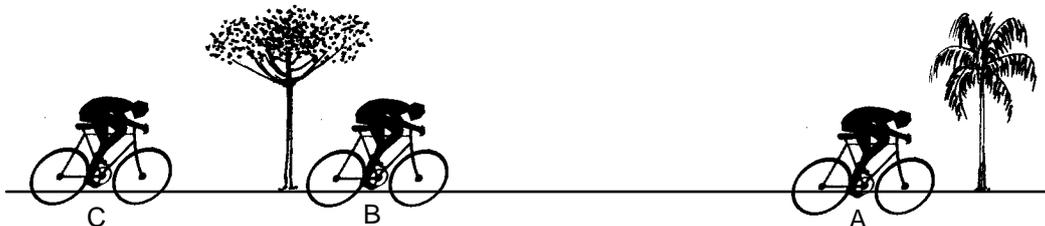


Figura 22

- 38) O ciclista A está antes do B e do C.
- 39) O ciclista B está antes do C.
- 40) O ciclista B está depois do A.
- 41) O ciclista C está depois do B e do A.

Neste caso, o valor de *antes/depois* é exactamente o oposto ao definido em *antes/depois-1*: agora *antes* implica um ponto espaço-temporal mais afastado do ponto inicial do movimento, e o inverso para *depois*. Isto obriga-nos a contrapor a *antes/depois-1* uma nova regra que dê conta destes casos:

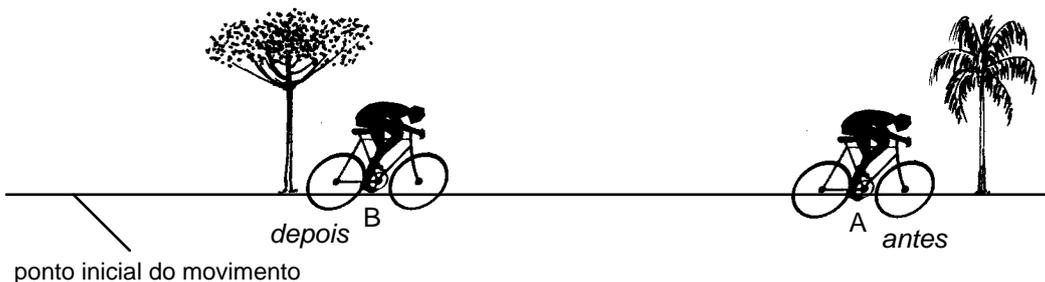


Figura 23

antes/depois-2: Relativamente aos elementos em movimento, *X antes de Y* indica que numa linha espaço-temporal comum a $\{X\}$ e a $\{Y\}$, $\{X\}$ se situa num ponto mais afastado do início do que $\{Y\}$. O inverso para *Y depois de X*: numa linha espaço-temporal comum a $\{X\}$ e a $\{Y\}$, $\{Y\}$ situa-se num ponto mais próxima do início do que $\{X\}$.

7.5.3. *Antes/depois* e a secundarização da configuração espacial

Isto deve levar a questionarmo-nos sobre se efectivamente *antes/depois* serão **mesmo** marcadores **espaciais**, já que com os mesmos figurantes e na mesma situação referenciam o mesmo lugar como podendo estar simultaneamente *antes* e *depois* de um outro. O ciclista $\{A\}$ está junto à palmeira e o ciclista $\{B\}$ junto ao

pinheiro. No entanto, enquanto a palmeira está *depois* do pinheiro, o ciclista {A}, junto dela, está *antes* do outro que se encontra junto ao pinheiro:

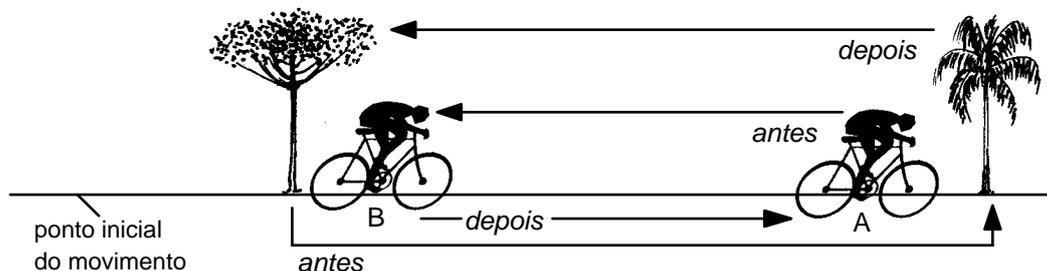


Figura 24

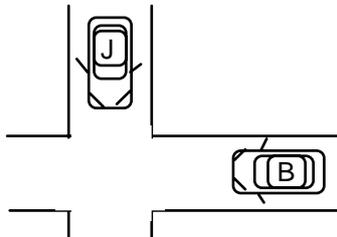
Afigura-se óbvio, a partir daqui, que *antes/depois* **não se destinam a marcar um ponto espacial**. Se podem marcar o mesmo ponto do espaço, na mesma situação, de forma contraditória, parece—vê-se— que o espaço em absoluto é secundarizado. E se é secundarizado, teremos que tentar perceber o que é que é prioritário para *antes/depois*.

7.5.3.1. A noção de "encontro potencial"

Vandeloise (1986) define o par francês *avant/après* (que considera formado por duas **preposições espaciais**) através da noção de "encontro potencial" (*rencontre potentielle*):

a est avant / après b si la cible est plus proche / plus éloignée du second élément d'une rencontre potentielle que le site. (Vandeloise 1986:174)

Sabendo que para Vandeloise *cible*=Fg e *site*=Cfg, e aceitando a correspondência com *antes/depois*, devemos entender esta definição como "*a* está antes de *b* se estiver mais próximo do que *b* do ponto de encontro potencial". E fornece uma ilustração que parece demonstrar isto mesmo:



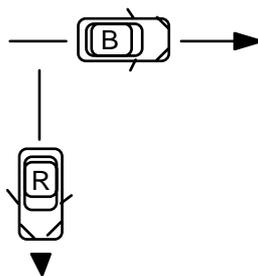
(38) la voiture jaune est avant la voiture bleue

La phrase (38) se justifie par rapport au carrefour, le point de rencontre potentiel des deux voitures. Le véhicule le plus proche de ce point est *avant* le véhicule le plus éloigné. (Vandeloise 1986:175)

A noção de "encontro potencial", embora à primeira vista pareça atractiva e justificativa, levanta, na realidade, muitos problemas. Na situação exemplificada por Vandeloise, em princípio, não haverá nenhum encontro entre {B} e {J}: este passará primeiro e {B} passará depois. Só isso é que justifica que {J} possa ser considerado *avant/antes* de {B}. Aliás, a própria ideia de "encontro", que implica [junção] e [simultaneidade], é potencialmente contrária à ideia de um estar *antes* e outro *depois*. Note-se, ainda, que a prototipicidade da situação de encontro potencial não é acompanhada pela prototipicidade de *avant/après* (ou *antes/depois*), o que parece indicar que o encontro potencial não é o elemento fulcral estruturador daqueles marcadores.

Vandeloise, para confirmar a sua definição de *avant/après*, apresenta uma situação com a qual tenta justificar que sem o encontro potencial não é possível utilizar este par de marcadores:

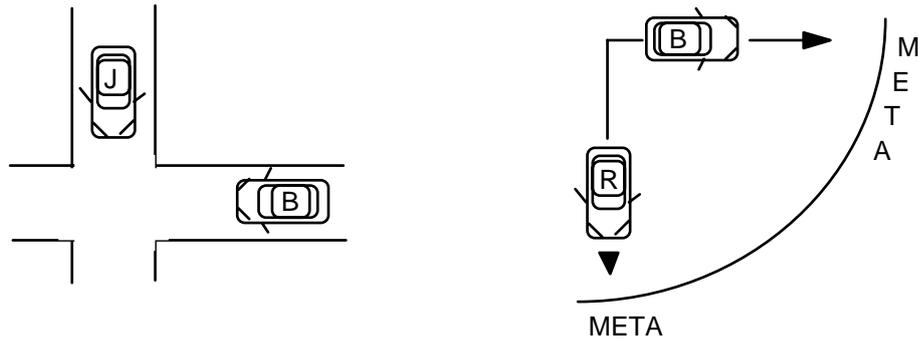
La définition (*avant/après*) explique directement pourquoi ces prépositions ne peuvent s'appliquer à la scène:



(36) * l'auto rouge est avant l'auto bleue

(36) * l'auto bleue est avant l'auto rouge (Vandeloise 1986:175)

Só que esta situação é enganadora. Vandeloise não relaciona de qualquer forma os dois elementos, não podendo estes, por isso, serem configurados conjuntamente. Mas tal facto não se deve à ausência de um encontro potencial. Os mesmos elementos, sem encontro potencial e com a mesma direccionalidade, podem ser configurados com os marcadores *avant/après* ou *antes/depois*. Imaginemos uma corrida em que os carros saem do centro de uma enorme arena/circunferência, sendo a meta a linha limitadora da própria circunferência. A aceitabilidade de *avant/après* ou *antes/depois* parece-nos ser exactamente a mesma que na situação do cruzamento:



- la voiture jaune est avant la voiture bleue

- l'auto rouge est avant l'auto bleue

Figura 25

Querer, hipoteticamente, "ver" na linha da meta o ponto de encontro potencial, é forçar e inverter a noção de "ponto de encontro", já que quanto mais próximos dessa linha estiverem, mais afastados um do outro se encontram!

Para além da noção de encontro potencial, Vandeloise alicerça a sua definição na maior ou menor proximidade relativamente a um ponto (o do referido *rencontre potentielle*). Recorde-se:

a est avant / après b si la cible est **plus proche / plus éloignée** du second élément d'une rencontre potentielle que le site. (Vandeloise 1986:174, destacado nosso)

Ou seja, segundo Vandeloise, ao utilizar *avant/après* (ou *antes/depois* em português) ter-se-á sempre que calcular que elemento está mais próximo do hipotético ponto de encontro.

O primeiro argumento contra é a evidência constatável de que na maior parte das situações sabemos dizer quem está *antes* e quem está *depois* numa fila de ciclistas, mesmo sem sabermos onde termina a corrida! Pode argumentar-se defendendo que a ordem sequencial que presenciamos é projectada para a meta. Ou seja, "fazemos de conta" que aquela irá ser a ordem de chegada. No entanto, não se vê a utilidade de todo este "transporte mental": para quê "transportar para o fim" um quadro que se destina a ser *hic et nunc* avaliado? Depois, pode provar-se que a pressuposição/certeza da ordem de chegada é irrelevante para a configuração *antes/depois* durante o percurso:

1) A altíssima probabilidade de saber quem chegará primeiro não influencia a posição relativa de *antes/depois* durante o percurso:

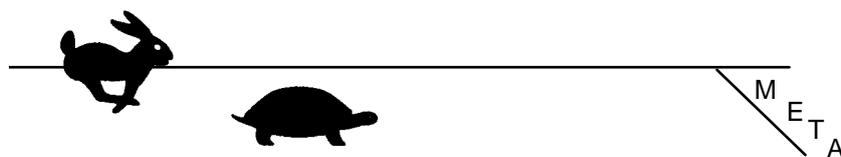


Figura 26

42) A lebre está **depois** da tartaruga, mas vai chegar à meta antes.

2) A impossibilidade de prever quem chegará primeiro ou está mais perto é igualmente irrelevante:

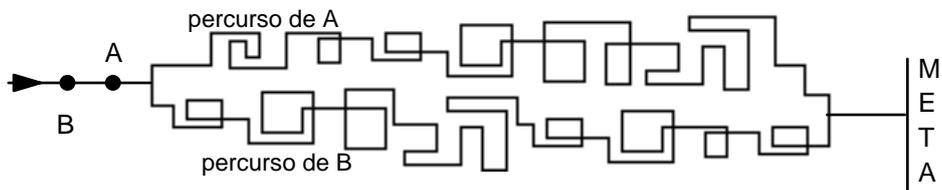


Figura 27

43) {A} está antes de {B} e {B} está depois de {A}.

3) A certeza de quem chegou primeiro não influencia a configuração relativa durante o percurso: no visionamento, em vídeo, de uma corrida que se sabe que foi ganha pela atleta portuguesa:

44) Para já a portuguesa está depois da etíope, mas à meta é a etíope que chega depois.

Ora então se as noções de encontro potencial e de proximidade desse encontro não são adequadas para a definição de *antes/depois*, ter-se-á que tentar descobrir outras mais eficientes.

7.5.3.2. O experienciador da configuração

O grande equívoco, quanto a nós, que subjaz habitualmente à definição de *antes/depois* é a pressuposição (também presente em Vandeloise que considera *avant/après* prioritariamente espaciais) que aqueles marcadores são equivalentes a *atrás/à frente* e que tal como estes relacionam dois elementos, digamos {A} e {B}: {A} *antes de* {B} ou {A} *depois de* {B}. Pressupõe-se que tudo se passa entre estes dois elementos e uma linha espacial/temporal. Mas se assim fosse, por que razão são possíveis configurações com *atrás/à frente* entre apenas dois figurantes e não é possível, entre os mesmos, o relacionamento com *antes/depois*?:

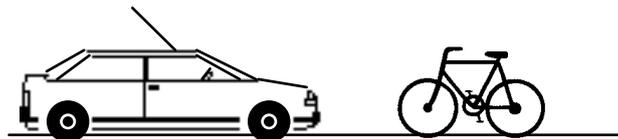


Figura 28

- 45) A bicicleta está à frente do carro.
- 46) O carro está à frente da bicicleta.
- 47) ?A bicicleta está antes do carro.
- 48) ?A bicicleta está depois do carro.

49) ?O carro está antes da bicicleta.

50) ?O carro está depois da bicicleta.

Isto acontece porque com *antes/depois* há sempre obrigatoriamente mais um elemento que subjaz (ou sobrejaz) a toda a configuração e relativamente ao qual toda ela se orienta. Esse elemento é o "observador da situação" em relação ao qual {A} e {B} são configurados. É esse elemento, que nem sempre é necessário nas configurações espaciais, que fornece a dimensão cognitiva ao processo, já que é a sua relação experienciadora perante o mesmo que irá decidir o que é que está *antes* e o que está *depois*. Vamos chamar-lhe, por tal razão, o **experienciador** (Exp).

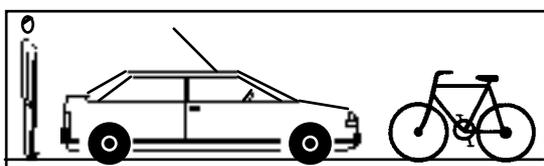


Figura 29

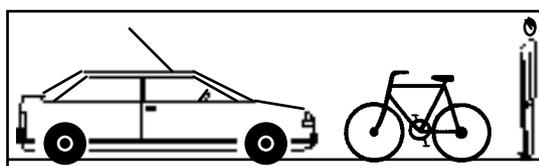


Figura 30

51) A bicicleta está à frente do carro.

53) O carro está à frente da bicicleta.

55) *A bicicleta está antes do carro.

57) A bicicleta está depois do carro.

59) O carro está antes da bicicleta.

61) *O carro está depois da bicicleta.

52) A bicicleta está à frente do carro.

54) O carro está à frente da bicicleta.

56) A bicicleta está antes do carro.

58) *A bicicleta está depois do carro.

60) *O carro está antes da bicicleta.

62) O carro está depois da bicicleta.

Isto significa que *antes/depois* não envolvem apenas dois elementos {A, B} num segmento espaço-temporal (E/T), ou seja, a estruturação do modelo não pode, desde já, ser entendida como

{A} *antes/depois* de {B} em E/T

mas sim

{A} *antes/depois* de {B} para Exp em E/T.

Assim, *antes/depois* assenta na relação de primariedade/ secundaridade que {A}/{B} mantêm relativamente ao experienciador: o primeiro elemento a ser experienciado está *antes*, o elemento experienciado secundariamente está *depois*.

Ora as experienciações, embora se situem simultaneamente no tempo e no espaço, só podem ser **ordenadas temporalmente**: entre os pontos do espaço não há uma ordem sequencial; só há entre os pontos do tempo. Quando o espaço é ordenado, é-o através de uma sequencialização temporal. Isto implica que a configuração

antes/depois é prioritária e intrinsecamente temporal. Todos os usos espaciais de *antes/depois* incluem o vector temporal, mas os usos prototípicos, os temporais, não incluem o vector espacial:

63) Depois de ouvir Mozart, ouvi Beethoven.

64) Antes de falares, pensa no que vais dizer.

7.5.3.3. As implicações espaciais do valor temporal de *antes/depois*

Só que uma grande parte dos processos temporais entrecruzam-se com a espacialidade: chama-se à resultante "movimento". No movimento, temos, portanto, espaço e tempo experienciados simultaneamente. Resulta do facto que embora *antes/depois* sejam marcadores temporais, não entram apenas em modelos exclusivamente temporais. Entram em **qualquer** modelo temporal. Ora, como já se disse, numa grande parte dos modelos temporais também entram vectores espaciais (quando há movimento); segue-se, naturalmente, que estes **marcadores temporais** irão indiciar **implicações espaciais**, o que não quer dizer que **sejam** marcadores espaciais.

Retomemos a situação há pouco descrita em que se configuram espacialmente de forma oposta os dois elementos do par de ciclistas e as duas árvores. Como vimos, o pinheiro está *antes* da palmeira, mas o ciclista que está junto dele está *depois* do que se encontra junto à palmeira:

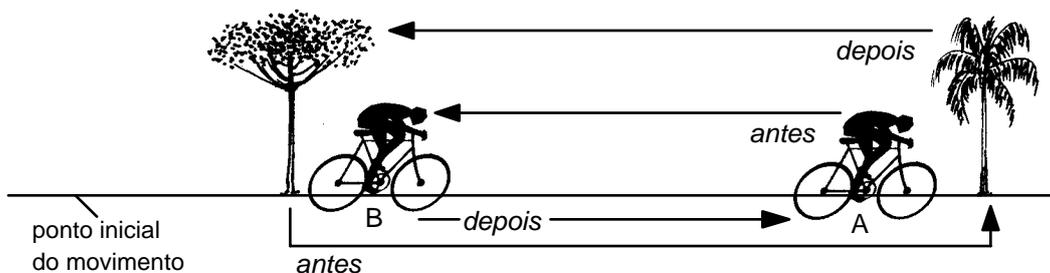


Figura 31

O que é que é comum, nesta situação, aos dois elementos *antes* e aos dois elementos *depois* (ao pinheiro e ao ciclista {A}, por um lado, e à palmeira e ao ciclista {B}, por outro), é exactamente a **primariedade/ secundaridade** (temporal, obrigatoriamente) de **experienciação** relativamente ao Exp de um encontro cognitivo. Nos processos dinâmicos, a posição do Exp do encontro cognitivo coincide sempre com o elemento frontal: este é considerado em posição canónica de encaramento com o Exp. Cada observador projecta sempre a sua visão (fornecedora do encontro cognitivo) para a posição de encaramento relativamente ao elemento frontal do processo dinâmico. Por outras palavras: cada observador (experienciador) do movimento, ao utilizar a

configuração *antes/depois* vê (projectivamente) o mesmo movimento como se estivesse a olhar de frente para o elemento que vai à frente. Por isso, qualquer que seja o lugar onde se encontra um qualquer observador, a relação *antes/depois* permanece inalterada:

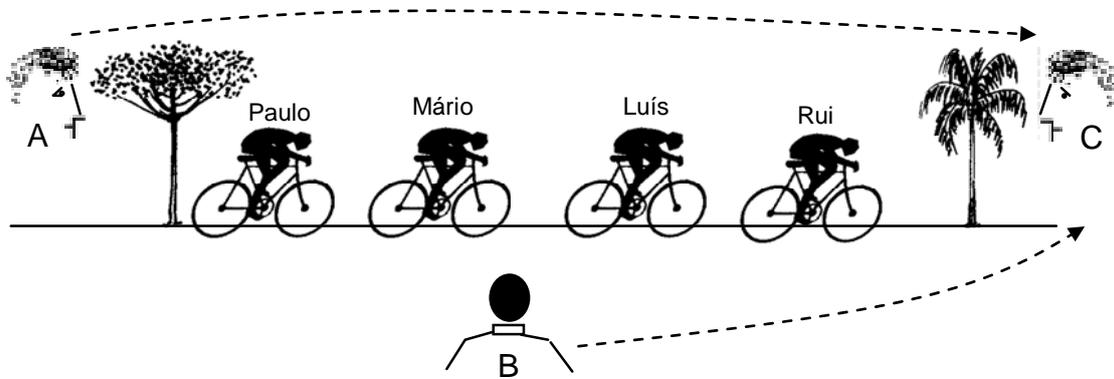


Figura 32

Quer o observador {A}, quer o {B} se projectam como observadores para a posição de {C}. Por isso,

65) O Rui vai antes do Luís e o Paulo vai depois do Mário.

é válido para {A}, {B}, {C} ou qualquer um outro observador em qualquer outro ponto.

Já o mesmo não se passa no que diz respeito à ordenação relativa das árvores. Ao contrário da corrida, como elas não estão ordenados por uma linha temporal, mas apenas espacial, é sempre pela posição do experienciador que elas são sequencializadas: a primeira que se inserir num encontro cognitivo é dita *antes* e cada nova com a qual se processa novo encontro é dita *depois*. Como é sempre a *frente* do processo dinâmico que estabelece o encontro cognitivo, pressupõe-se que a primeira árvore a ser encontrada (encontro cognitivo) pela *frente* da corrida foi o pinheiro, sendo, por esse facto, considerado *antes* da palmeira.

Pode parecer que relativamente aos elementos estáticos se pode prescindir das noções de "encontro cognitivo" e de "movimento pressuposto", atribuindo a *antes/depois* uma equivalência espacial: *antes=atrás, nas costas* e *depois=à frente, na zona para onde se volta o olhar*. Parece que esta equivalência explica satisfatoriamente



Figura 33

66) O pinheiro está antes da palmeira.

No entanto, esta "equivalência" não resulta da situacionalidade espacial dos figurantes, mas da pressuposição de um encontro cognitivo em que os carros (=pessoas dentro) encontraram em primeiro lugar o pinheiro. Tal pressuposição deve-se ao facto de atribuirmos a um movimento o prolongamento do sentido direccional que ele tem na altura. Se tivermos outros elementos que nos forneçam outra possibilidade de interpretação, então os figurantes são ordenados de outra forma. Na última situação, imaginemos que estávamos numa parte alta que nos permitia ver o caminho que os carros percorriam: poderíamos ter de configurar de forma antitética os mesmos elementos, na mesma posição:

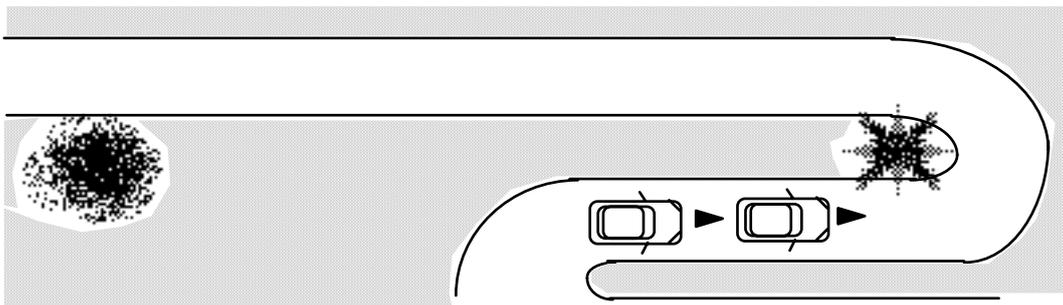


Figura 34

- 67) *O pinheiro está antes da palmeira.
68) O pinheiro está depois da palmeira.

Nas configurações estáticas, a ausência de movimento dos figurantes não permite que sejam sequencializados. Neste caso, o Exp terá que ser explícito, sendo ele que ordena o espaço e, conseqüentemente, os respectivos lugares. A ordenação é feita da mesma forma que com o movimento: o(s) elemento(s) que o Exp encontra em primeiro lugar relativamente a outro(s), está/estão *antes*. Como a nossa experiência e o conhecimento do mundo nos ensinam, os elementos que o nosso olhar nos diz que estão mais próximos serão os primeiros com os quais podemos fazer "encontros cognitivos": daí ser a linha do olhar a que estrutura uma relação *antes/depois* entre elementos estáticos:



Figura 35

Ao contrário do que acontecia nos elementos inseridos em processos dinâmicos, agora a configuração depende do ponto espacial em que se situa o observador, já que a posição do experienciador é a mesma da do observador, não havendo, como acontece nos processos dinâmicos, transferência ou projecção:

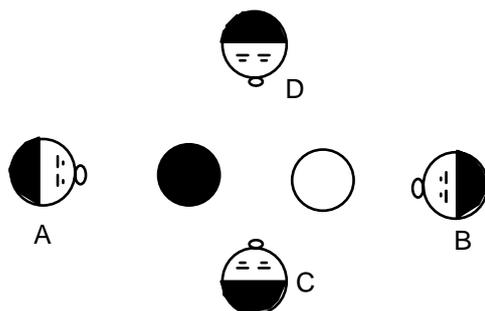


Figura 36

Para {A}

- 69) A bola preta está antes da branca.
70) *A bola preta está depois da branca.

Para {B}

- 71) *A bola preta está antes da branca.
72) A bola preta está depois da branca.

Para {C}

- 73) *A bola preta está antes da branca.
74) *A bola preta está depois da branca.

Para {D}

- 75) *A bola preta está antes da branca.
76) *A bola preta está depois da branca.

Veja-se que só pode haver configuração *antes/depois* quando todos os elementos (Fg, Cfg e Exp) se inserem num vector de movimento potencial. Como com {C} e {D} isso não acontece, não é possível configurar Fg e Cfg na vertente *antes/depois*.

Assim, parece-nos lícito fazer as seguintes comparações a partir da confrontação entre as configurações *atrás/à frente* e *antes/depois*:

<i>atrás/à frente</i>	<i>antes/depois</i>
Pode bastar uma Fg e um Cfg.	Não basta uma Fg e um Cfg.
Não exige obrigatoriamente Exp.	Exige obrigatoriamente Exp.
Pode haver configuração sem movimento potencial.	Não pode haver configuração sem movimento potencial.
É possível a aplicabilidade exclusivamente espacial.	Não é possível a aplicabilidade exclusivamente espacial.
Modelo prototipicamente espacial com implicações espaço-temporais.	Modelo prototipicamente temporal com implicações espaço-temporais.

Como os dois pares configuradores têm implicações espaço-temporais, eles são quase sempre tomados como equivalentes. E a partir daqui, a dimensão espacial é tida como a primeira, e a temporal a segunda, em ambos os casos. O que procurámos demonstrar é que no caso de *antes/depois* essa "metaforização" não se verifica, sendo estes marcadores intrínseca e prototipicamente temporais. As vertentes espaciais que

possuem decorrem da respectiva estruturação linguístico-cognitiva: as experiências do movimento implicam o tempo, mas também o espaço. E este, com *antes/depois*, é sempre dado em função daquele, e não o inverso. E não é dado "metaforicamente", como usualmente é aceite, mas implicativamente: o espaço que *antes/depois* configura não é o espaço-em-si, a pura espacialidade, mas antes as vertentes espaciais implicadas num processo temporal. Mesmo a sua aplicabilidade aparentemente espacial, com figurantes estáticos, assenta no dinamismo de um movimento potencial entre um Exp e os outros figurantes da situação.

7.5.3.4. Proposta de definição dos marcadores *antes/depois*

Ora como são variáveis as implicações entre o espaço e o tempo num movimento (para o vector da [frontalidade]), variáveis serão também as "equivalências" entre os marcadores prototipicamente espaciais (*atrás/à frente*) e os prototipicamente temporais (*antes/depois*). E por isso não será de admirar que quando se querem fazer as tais "equivalências" entre uns e outros, os resultados sejam confusos: *atrás* tanto pode "equivaler" a *antes* como a *depois*. As entradas lexicográficas são o melhor exemplo disto mesmo (ver 7.2).

Se, então, se pode concluir que *antes/depois* não são marcadores espaciais aplicados ao tempo, nem de forma indistinta à globalidade espaço/tempo, mas antes marcadores temporais que, por assim serem, acarretam **implicações espaciais**, devemos reformular a espinha estrutural que propusemos para indicar os elementos configurados pelos referidos marcadores. Assim, em vez de

{A} *antes/depois* de {B} para Exp em E/T.

que pressupõe que *antes/depois* possuem uma dimensionalidade simultaneamente espaço-temporal, será mais correcta uma formulação que indique que são prioritária e prototipicamente marcadores temporais com implicações espaciais quando o movimento junta espaço e tempo. Neste caso, a formulação

{A} *antes/depois* de {B} para Exp em T(\Rightarrow E).

refere a exigência da Fg e do Cfg ({A, B}), do Exp, da prototipicidade temporal com implicações espaciais (**em T(\Rightarrow E)**).

A partir daqui, poderemos reformular as duas definições de *antes/depois* que no início propusemos (uma para os modelos estáticos e outra para os dinâmicos) e fundi-las apenas numa que dê conta da globalidade dos processos:

antes/depois : *X antes de Y* indica que, para um Exp(erienciador), {X} e {Y} se situam sequencialmente numa linha temporal possibilitadora dos encontros cognitivos [Exp/X] em $T_0 > [Exp/Y]$ em T_1 ; *X depois de Y* indica que, para um Exp(erienciador), {X} e {Y} se situam sequencialmente numa linha temporal possibilitadora dos encontros cognitivos [Exp/X] em $T_1 < [Exp/Y]$ em T_0 .

Isto significa que *antes* perspectiva os encontros cognitivos numa sequencialidade $T_0 > T_1$ relativamente à Fg. Ou seja, a Fg ocupa o ponto temporal mais próximo do ponto inicial referenciador do processo; *depois* perspectiva os encontros cognitivos numa sequencialidade inversa, $T_1 < T_0$; a Fg ocupa agora um ponto temporal mais afastado do ponto inicial do processo.

Sendo assim, parece-nos que a fórmula que mais sintética e globalmente retratará todo o modelo linguístico-cognitivo será

$$X \text{ antes de } Y: \quad \{[Exp/X] \Rightarrow T_0\} \leftrightarrow \{[Exp/Y] \Rightarrow T_1\}$$

$$X \text{ depois de } Y: \quad \{[Exp/X] \Rightarrow T_1\} \leftrightarrow \{[Exp/Y] \Rightarrow T_0\}$$

porque

- 1) começa sempre pela Fg (X) que linguística e cognitivamente é o actante desencadeador do processo;
- 2) relaciona a Fg {X} e o Cfg {Y} com um Experienciador agente dos encontros cognitivos ([Exp/X], [Exp/Y]) sem o qual não existe configuração;
- 3) indica que há uma relação de implicação mútua (\leftrightarrow) entre Fg e Cfg;
- 4) indica que a sequencialização temporal tanto pode ser $T_0 \leftrightarrow T_1$ (em *antes*) como $T_1 \leftrightarrow T_0$ (em *depois*);
- 5) e mais importante que tudo (a nosso ver), indica que todo o modelo é muito simples e assenta apenas numa diferença de sequencialização cognitiva entre dois momentos temporais.

7.5.4. *Atrás/à frente e antes/depois: traduzibilidade entre modelos espaciais e temporais*

Quando se afirma que é o espaço que traduz ou expressa o tempo, o que é que se pretende dizer? Normalmente, que há um modelo mental que retrata as localizações espaciais e que metaforicamente pode ser aplicado às localizações no tempo.

No entanto, e como já vimos, esta é uma forma simplista e inadequada de ver o problema, já que tempo e espaço possuem organizatividade diferente: este é multivectorial (verticalidade, frontalidade, lateralidade, interioridade), enquanto aquele, o tempo, é univectorial porque unidireccional (ver 7.1.). Consequentemente, terá que ser apenas um vector espacial a representar o tempo. E assim é. Esse vector é precisamente o que suporta os marcadores da nossa análise: a frontalidade.

Defendemos, no entanto, que para a frontalidade, não há apenas um modelo que configure as localizações *atrás/à frente*, mas vários (submodelos, digamos). Naturalmente que o modelo em que o movimento entra é aquele que irá servir de base para a representação do tempo através do espaço, já que no movimento se juntam precisamente estas duas dimensionalidades. É isto que se pretende dizer quando se afirma que a linha espacial representa a linha temporal.

Podemos, no entanto, perguntar: se é o modelo espacial dinâmico que representa o tempo e neste mesmo modelo existe sempre, forçosamente, o próprio tempo, até que ponto podemos falar de "representação"? Na verdade, só há representação quando o representado não tem que estar forçosamente junto do representante. Ora não é o **espaço** que representa o tempo: o interior branco de um círculo é uma figuração típica de um espaço, mas que nunca pode representar o tempo. Este só pode ser representado quando no espaço se delimita uma linha direccionada que representa o movimento que inclui o próprio tempo:

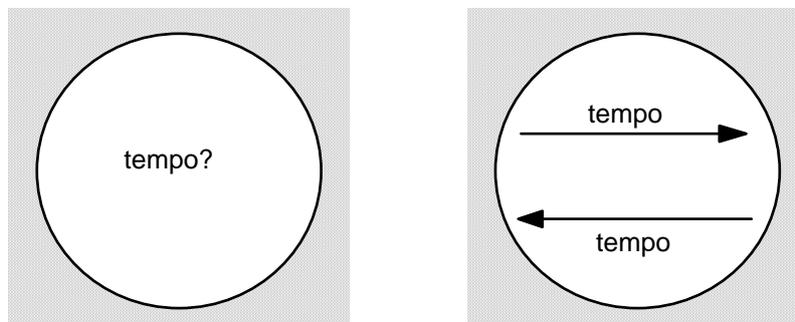


Figura 37

Isto quer dizer que não é a globalidade do espaço, mas sim o **espaço do movimento** que representa o tempo. Só que como no movimento há sempre tempo implicado, segue-se que o representado é indissociável do representante.

Isto acontece porque prototipicamente o tempo é traduzido pelo modelo dinâmico do vector espacial frontal. Cognitivamente é óbvio que assim seja. Será, então, impossível provar-se a intuição comumente partilhada que os modelos temporais se constroem alicerçando-se nos espaciais? No movimento, tal prova não é cabal, já que nele, como é reconhecido, o modelo espacial e o temporal aparecem imbricados. O ideal seria que um modelo estático do espaço pudesse representar o tempo; este seria configurado numa modelização oposta à modelização dinâmica tradicional.

Parece-nos que o confronto entre os marcadores da espacialidade frontal (*atrás/à frente*) e da temporal (*antes/depois*) nos poderão dar indicações interessantes a esse respeito.

Prototipicamente, a equivalência espaço-temporal entre estes marcadores é *atrás=antes*, *à frente=depois*. A intuição dos falantes vai no mesmo sentido⁽³⁾. A escrita ou a leitura servem-se muitas vezes destas equivalências:

77) Como atrás (=antes, anteriormente) dissemos ...

78) Mais à frente (=depois, posteriormente) iremos verificar ...

Em casos como este a conversão espaço-tempo é facilitada pelo facto de o sujeito da experienciação ser o escritor/leitor e ser relativamente ao espaço/tempo da enunciação (E/T En) que as configurações se fazem:

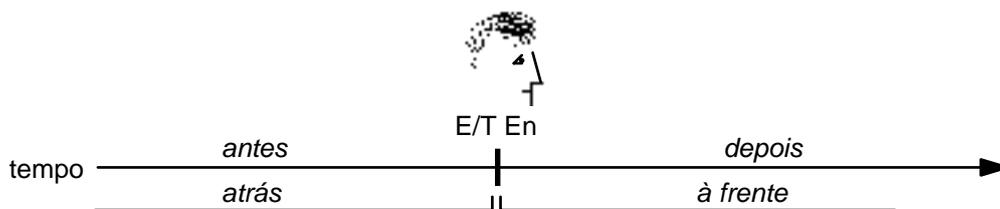


Figura 38

Mais complexo, e conseqüentemente mais interessante, é quando a configuração não se faz relativamente ao E/T En. Nestes casos, a ordenação espaço-temporal, porque se faz entre a Fg e um Cfg que não coincide com o sujeito da enunciação, pode configurar de forma diversa os elementos em causa.

Na maior parte destas situações, a correspondência é idêntica à anteriormente referida:

⁽³⁾ Ver resultados do inquérito sobre as equivalências *atrás/à frente* \Rightarrow anterioridade/ posterioridade, 7.3.

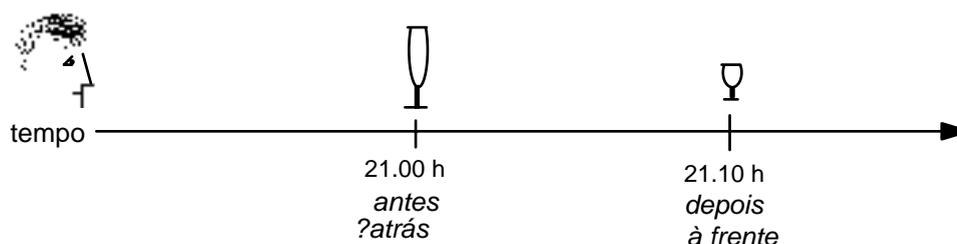


Figura 39

79) Primeiro bebeu champanhe e mais **à frente** bebeu vinho do Porto.

80) Primeiro bebeu champanhe e **depois** bebeu vinho do Porto.

81) ?Bebeu muito vinho do Porto, mas **atrás** já tinha bebido champanhe!

82) Bebeu muito vinho do Porto, mas **antes** já tinha bebido champanhe!

Como se verifica, existe a totalidade de equivalência entre *atrás=antes* e *à frente=depois*, embora esta segunda seja mais usual que a primeira que só bastante dificilmente se pode considerar aceitável. A razão para tal é a mesma que atrás já vimos, quando verificámos que o "movimento configurativo" $Cfg \emptyset Fg$ não deve ser oposto ao movimento que enforma o modelo (ver 7.5.1.)

Mas surpreendentemente, a equivalência *antes/atrás*, *depois/à frente*, na mesma situação e com os mesmos elementos, pode ser invertida (figura 40):

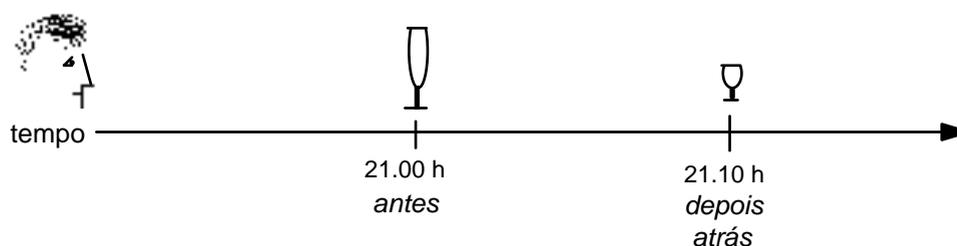


Figura 40

83) **Atrás** do champanhe, bebeu vinho do Porto.

84) **Depois** do champanhe, bebeu vinho do Porto.

Se há pouco a equivalência era *atrás=antes*, agora é *atrás=depois*. Por outro lado, já não funciona o outro par complementar, *à frente=antes*:

85) ***À frente** do vinho do Porto, bebeu champanhe.

86) **Antes** do vinho do Porto, bebeu champanhe.

Em 85), *à frente* tende a ser interpretado como continuando a equivaler a *depois* e não a *antes*.

O que é que explica esta inversão de equivalências? Naturalmente que se trata de modelos mentais opostos. No primeiro caso, *atrás=antes* dentro do modelo

espaçial dinâmico; agora *atrás=depois* porque se insere no modelo estático. Por isso, o esquema não deverá ser o último que apresentámos, já que nele aparece indicado o vector de movimento. Terá que ser um que mostre que agora é o tempo que se subordina ao espaço, melhor, que se subordina a um modelo estático da espacialidade:

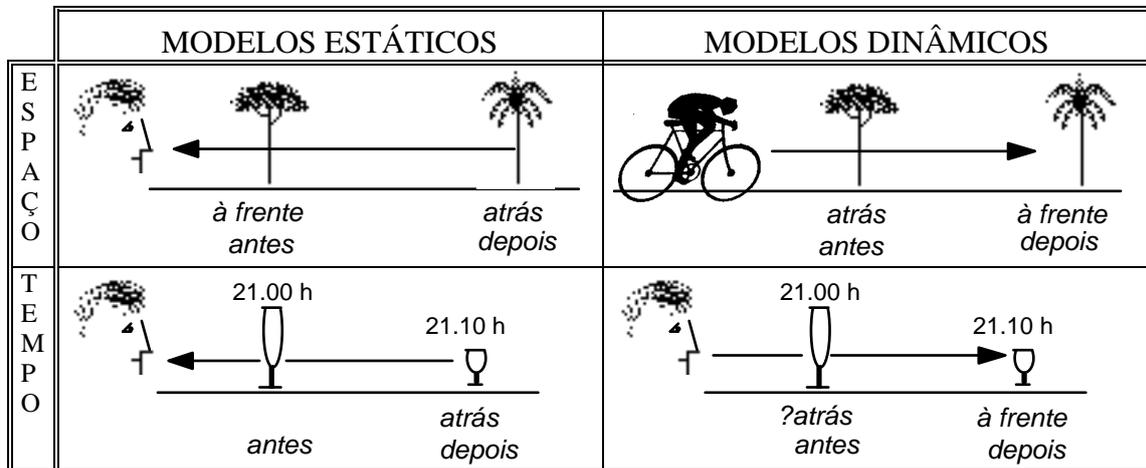


Figura 41

Repare-se que *antes/depois* resiste a todas as diferenciações entre os modelos e mantém-se como par de marcadores temporais representando sempre o mesmo modelo mental —a primariedade/ secundaridade de experiênciação.

Um outro dado interessante é o facto de nestes modelos temporais (não relativos a E/T En) ser difícil ou impossível substituir o marcador temporal *antes* pelo correspondente marcador espacial. Quando *antes* equivale a *atrás*, a substituição, embora possível, não é muito frequente, roçando mesmo a inaceitabilidade (81) ?Bebeu muito vinho do Porto, mas **atrás** já tinha bebido champanhe!); quando a substituição equivaleria a *à frente* deixa de funcionar (85) ***À frente** do vinho do Porto, bebeu champanhe., se *à frente*=antes).

Isto parece demonstrar que não existe uma equivalência "equitativa" (passe o pleonasma) entre os marcadores temporais *antes/depois* e os espaciais *atrás/à frente* quando estes pretendem substituir aqueles. As equivalências da anterioridade tornam-se, como vimos, muito problemáticas (quando *antes=atrás*) ou mesmo impossíveis (quando *antes=à frente*).

A atracção pelos marcadores espaciais da posteridade (posteridade=*atrás*, umas vezes, posteridade=*à frente*, outras) comprova-se se atendermos ao facto, revelador, sem dúvida, de na mesma frase os dois marcadores espaciais opostos, se aplicados à temporalidade, tenderem a ser interpretados como sinónimos:

87) **Bebeu champanhe e logo atrás bebeu vinho do Porto.** (*atrás=depois*)

88) **Bebeu champanhe e logo à frente bebeu vinho do Porto.** (*à frente=depois*)

Pode argumentar-se que isto se deve simplesmente ao facto de as sequências temporais em estruturas coordenadas implicarem a sucessividade temporal. A ser verdade, isto seria já revelador da "fraqueza" dos marcadores espaciais aplicados à temporalidade retrospectiva: não se imporiam sequer a um valor tão débil como é a coordenação copulativa. Mas tal não acontece, já que se se inverterm os termos, as construções, a poderem ser interpretadas, são-no da mesma forma (o que não aconteceria na coordenação):

89) **Bebeu vinho do Porto atrás de champanhe.** (*atrás=depois*)

90) **Bebeu vinho do Porto à frente de champanhe.** (*à frente=depois*)

Isto só pode acontecer porque o falante possui e domina sem dificuldade os dois modelos referidos da espacialidade, o estático e o dinâmico e consegue facilmente fazer a convertibilidade entre os mesmos:

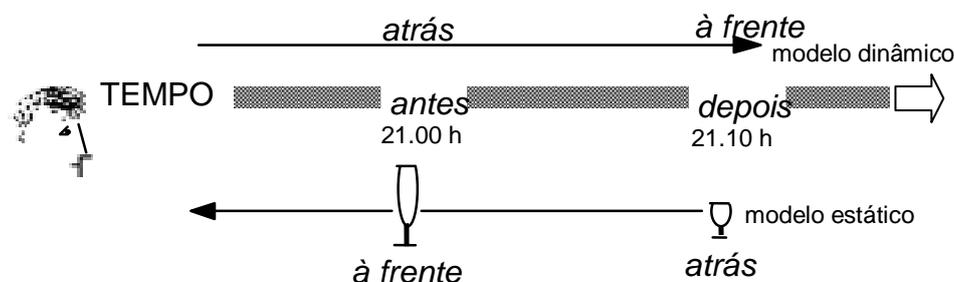


Figura 42

A possibilidade da convertibilidade não explica, no entanto, que **por princípio** o falante coloque **sempre** a Fg *depois* do Cfg, ainda que a mesma Fg seja situada *atrás* ou *à frente* do mesmo Cfg. A explicação deste funcionamento encontra-se no próprio estatuto das Fgs relativamente aos Cfgs: é que mesmo na dimensionalidade temporal se mantém a assimetria entre Fg e Cfg (ver 3.5.): este último, como é o ponto de referência, deve ser sempre mais "visível", cognitivamente mais saliente. Por isso mesmo, é que deve ser algo realizado em primeiro lugar, realizado no *antes*. Por princípio não é o *antes* que se posiciona em relação ao *depois*, mas o inverso. Se o *depois* for incerto e ainda não existir, como se pode configurar ou saber quando é o *antes*?:

91) Depois de três dias seguidos de sol, devem apanhar-se as uvas.

92) *Antes de três dias seguidos de sol, devem apanhar-se as uvas.

93) Toma os comprimidos meia hora depois de sentires dores.

94)*Toma os comprimidos meia hora antes de sentires dores.

Por isto mesmo, nos modelos em que o Cfg não coincide com E/T En, sempre que a Fg não é explicitamente verbalizada com um marcador temporal, mas

com equivalentes espaciais (*atrás* ou *à frente*), estes, quaisquer que sejam, têm tendência a serem interpretados com o valor [posteridade] relativamente ao Cfg, considerado, por um **princípio cognitivo**, situado no *antes*.

É este funcionamento de modelos opostos do tempo (estático e dinâmico) que explica certas equivalências feitas, que atrás abordámos, entre *atrás*=anterioridade e *atrás*=posteridade (7.4.). A frase *Fumando cigarro atrás de cigarro* é suportada exactamente por este modelo estático do tempo. Equivale à que aqui nos serviu de exemplo (*Bebeu vinho do Porto atrás do champanhe*).

A análise feita permite-nos inferir determinadas conclusões que devem ser tiradas a partir da estruturação e do comportamento linguístico dos marcadores espaciais *atrás/à frente* quando traduzem a temporalidade em modelos em que o Cfg não coincide com E/T En.

1) A primeira, e talvez a mais importante, é que **o tempo pode ser expresso quer pelo modelo dinâmico, quer pelo(s) modelo(s) estático(s) do espaço**. Este facto reveste-se de suma importância, já que nos demonstra que é possível traduzir o tempo pelo espaço, mesmo quando, como acontece nos modelos estáticos, o próprio tempo não estrutura o modelo da espacialidade.

2) Nos modelos em que o Cfg não coincide com a situacionalidade espaço-temporal da enunciação (E/T En) não há equivalência ou simetria entre os marcadores espaciais e temporais: os marcadores da posteridade temporal são dominantes relativamente aos da anterioridade, podendo estes ser mesmo inaceitáveis.

3) *Atrás/à frente* mantêm o valor espacial original; quando são usados como sinónimos temporais, isso implica que pertencem a modelos espaciais opostos, o estático e o dinâmico.

4) *Antes/depois* mantêm inalterado, em todas as situações e em todas as equivalências espaço-temporais, o seu valor sequêncio-temporal.

5) Mais genericamente, pode verificar-se como o significado/valor significativo de uma palavra só pode ser detectado tendo em atenção que modelos cognitivos o estruturam e como o estruturam linguisticamente. É impensável uma análise semântica que ponha de parte ou queira separar/isolar a dimensão cognitiva da dimensão linguística.